

Defeza Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

Redactores: BRAZILIO TABORDA, MACIEL DA COSTA e PARGA RODRIGUES

N.º 37

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1916

Anno IV

EDITORIAL

Avante, custe o que custar!

OM este numero entramos no IV anno de campanha em prol do erguimento profissional do nosso Exercito e da eclosão definitiva da **nação armada** no Brazil.

Se por vezes temos encontrado a estrada eriçada de espinhos, temos tambem, como um balsamo a suavisar-nos as mágoas, colhido a certeza de que não prégamos no deserto. Se não nos bastasse a consciencia de um dever bem cumprido e o carinhoso apreço com que a nossa Revista é lida pelo escôl de todas as camadas hierarchia militar, bastariam para nos cher de um justo orgulho as sinceras e thusiasticas demonstrações de affecto que asi diariamente recebemos das classes ais jovens de camaradas do Exercito e Armada.

A' mocidade militar de hoje cabe a ais gloria tarefa de quantas possam sar sobre hombros varonis — a de manter a integridade territorial e politica deste imenso e lindo paiz, tão opulento em natureza quão miseravel em filhos que o nem. E é porque a essa mocidade imunda o sacrificio desse labor herculeo, ie nós nos enamoramos della, como a vore se enamora das flores que lhe vânspetuar a especie através dos tempos e Historia.

Os deploraveis erros do passado regimen e as infamias patricidas do presente cavaram o cahos politico e economico em que a nação se debate, num suppicio de Tantalo, mergulhada em ouro e morrendo de miseria, a lastimar, quasi como num naufragio, que Deus não lhe houvesse dado um timoneiro capaz de contornar os esco-llhos e de lhe levar a porto e salvamento.

E' que no Brazil, desde a mancha degradante da escravidão que desfibrou o homem para o trabalho e para a lucta, até o surto e hegemonia nefanda do bacharelismo inconsciente, tudo tem contribuido para a ruina de um povo que se vê nas condições de um mendigo maltrapilho a habitar um palacio de pedrarias resplandecentes.

Entre todos os povos dignos e viris que a Historia nos relembra, morrer em defesa da Patria foi sempre a mais elevada honra conferida a um filho varonil.

Entre nós, quando foi da guerra contra o Paraguay, foram aos milhares os varões desfibrados que se fizeram substituir por africanos captivos que, ainda assim, foram mais dignos do que os senhores, porque enquanto estes gosavam tranquillamente a fortuna adquirida com o trabalho escravo, elles, os párias, pelas lomas inimigas e pelos pantanaes do Chaco, numa abnegação messianica, derramavam o sangue benedito em defeza do pavilhão da terra madrasta.

Para completar a obra nefanda, como uma ironia a rir do passado e a escarnecer do futuro, destruindo os pendores de energia e de caracter que nos vieram

de herança da rude e heroica Luzitania, surgiu o bacharelismo efeminado e histérico, que trocou o amanho da terra pelos discursos declamatorios e pelas serenatas ao violão, e que se envergonha do trabalho honesto e tem horror aos callos com que a lide da charrúa ou da espada lhe possa macular o assetinado das mãos.

E essa herva daminha alastrou-se do meio civil para o militar. Nem o exemplo das virtudes masculas dos nossos heróes que glorificaram o nome do Exercito nas campanhas do Prata e do Paraguay, nem o compromisso de honra prestado no juramento á bandeira, nem as ameaças sofridas, nem os desrespeitos tantas vezes praticados contra a soberania da nação tiveram o condão de impedir que o militar se embebesse de philosophias e se esquecesse de que acima de tudo lhe cumpre o sagrado dever de cultivar as qualidades guerreiras necessarias á segurança e tranquillidade da Patria e da Familia.

Os perigos que nos assoberbam, como resultado dessa deliquescencia em que cahimos e que ora combatemos com inquebrantavel firmeza, não são fructo de nenhuma imaginação doentia ou perversa que leve a crear phantasmas para assombrar os timoratos, mas coisas tornadas patentes por uma realidade que desafia contestação.

Seria enfadonho enfileirar aqui, em galeria, a multidão crescente desses factos, mas como nota relativamente nova, suggestiva e importante pelos corollarios que pôde fornecer, transcrevamos o seguinte trecho de uma conferencia feita em Villeta pelo paraguayo illustre Sr. O'Leary, filiado, pelas suas sympathias, á corrente que na Argentina engendrou o insólito telegramma numero 9:

«... Estos son los que creen que es peligroso enorgullecernos de nuestras glorias y que lo patriótico es escarnecer a nuestros padres. Almas enfermas, no ven que no en balde han pasado cincuenta años, y que

una generación robusta, sin gril en el alma, no solo no se resigna su vencimiento, sino que tiene conciencia de su mision histórica y sabe que el mapa de América ha de ser modificado todavía!»

A conferencia do illustrado patriota paraguayo é um hymno de gloria ao s heroico torrão e uma objurgatoria tremenda ao povo brazileiro, desenrolada simaneamente com uma serenata de sympathias, não pelo governo, mas pelo po argentino, como quem o quer arrastar corrente que já no tempo da guerra ass pensava e escrevia:

«Guerra carnícera es efectivamente la guerra que llevamos Paraguay, dóciles a las instigacion del Imperio, nuestro rival histórico que quiere derribar con nuestras proprias manos el último baluarte divisorio y protector de la independencia de las nacionalidades del Plata.»

De um lado este odio continuamente acirrado contra nós, de outro as garras do imperialismo voraz e insaciável que predomina na politica do mundo, deixa antever bem claro o doloroso futuro que nos espera se não tratarmos de nos fortalecer pela união, pelo trabalho e por u entranhado amor a esta Patria.

Foi pensando assim que nos congregamos em torno do ideal de uma Patria soberba de fé e senhora de seus destino e resolvemos fundar A Defeza Nacional para templo de nossas orações e malho de nossas idéas. Não temos em nosso ritual orações de um mysticismo inebriante que fascine a vaidade impenitente dos que gostam de se ver elogiados e respeitados até mesmo pelos erros que praticam, mas em troca temos as orações da verdade com que combatemos o erro, segurando-lhe o pérido alfange até mesmo pelo gumbo embora o punho esteja em poderosas mãos adversarias.

E' com immensa alegria que, ao contemplar a obra grandiosa ainda em per-

pectiva, assistimos ao desabrochar de uma mocidade viril, que começa a cultivar o espirito militar que anda foragido das gerações em colapso moral, e se habilita para a obra sublime da constituição de um povo digno deste maravilhoso Brazil.

Ao entrar a nossa querida Revista em seu IV anno de vida, ainda nos encontra, como no primeiro dia, unidos como um bloco, dispostos para a lucta, e ungidos daquelle fé que levanta montanhas, que reduz o impossivel, e que no fim de cada lance, como aos Titans na escalada do Céo, nos commanda impávida e serena:

— Avante, custe o que custar!

A nova Lei de Promoções do Exercito Argentino

Quando se conhece bem a estructura organica de um exercito, verifica-se, ao mais leve exame, que seu funcionamento não se poderia operar de modo normal, se elle não dispozesse de um quadro de officiaes (generaes, superiores, subalternos e inferiores) capaz, pelas suas qualidades intrinsecas, de assegurar-lhe uma vida continua e livre de graves perturbações. O corpo de officiaes representa o arcabouço da instituição; equivale ao conjunto das paredes mestras de um grande edificio, a que se prendem e deante das quaes se tornam secundarias todas as obras interiores e de caracter complementar.

A officialidade de um exercito moderno representa a urdidura permanente da força armada; forma uma especie de crivo por onde passam as massas interminas de recrutas, que ella submette a uma educação e instrução systematicas e que afeiçõa ás suas proprias qualidades, no afan seductor de as capacitar para a defesa da Pátria. Define pontos de concentração, por cujo intermedio todas as cellulas elementares da tropa, isto é, os soldados, se grupam de modo regular, para dar corpo ao conjunto e adaptal-o á sua nobre missão.

O exercito — já o disse alguém — vale o que valem seus quadros. O official é educador e instructor no remanso da paz, e exemplo vivo no meio da refrega. Sua conducta na vida habitual opera como exemplo estimulante e no meio do combate

transforma-o em symbolo, a que se apagam seus commandados para o seguir sem desfalecimentos. Nada pôde suprir um quadro deficiente, e por isso teem-se visto tropas excellentes não lograrem o bom exito que mereciam, á mingua de dignos commandos. Foi esta verdade, ampliada a um mais vasto ambito, que o grande épico synthetisou em verso, quando disse

Que um fraco Rei faz fraca a forte gente.

Comprehende-se, pois, em vista do exposto, todo o empenho desenvolvido pelas diferentes nações, no sentido de disporem sempre de um bom quadro de officiaes para seus respectivos exercitos. A obtenção desse quadro presupõe dois problemas :

1º — A criação adequada do official (na escola e no seio da tropa).

2º — A renovação do quadro, isto é, regras criteriosas para a promoção.

Quanto ao preenchimento dos postos vacantes, variam os preceitos e opiniões. Entendem uns que o accesso deve ser exclusivamente por merecimento, outros por antiguidade e outros por um systema mixto. Opinam ainda alguns que, além das vacancias por morte, deve o Governo provocar outras por eliminação dos individuos incapazes, profissionalmente, de continuar em funcções, que já não logram desempenhar com proveito. Outros aceitam este principio, mas tomam a idade como criterio eliminador (reforma compulsoria).

E' muito interessante colher entre os camaradas as opiniões habituaes com relação ao assumpto. Observa-se, em geral, que os officiaes sem grande instrucção, sem aptidões e até sem serviços, o *descrente definitivo*, segundo o qualificativo insubstituível de um distinto camarada da Marinha, advoga com ardor, desferindo queixas e recriminações contra todo mundo, o unico processo que o fará ascender, sem que outros mais aptos e mais modernos lhe passem á frente. O official ambicioso, de pouco ou nenhum merito, mas que dispõe de elementos de luta nas suas relações sociaes, com especialidade na politica, propugna o merecimento, que se lhe afigura o unico trampolim susceptivel de auxiliar-o no salto mortal que maquina, para voar celere sobre os camaradas mais antigos e *desempistolados*. Salvo um ou outro caso de *cavação precoce*, o official muito moço não cogita em geral do problema do accesso; a vida se lhe abre tão cheia de

Complexa leitura de uma lei complexa, cuja execução pôde-se dizer que apenas se inicia.

A gerarchia militar na Argentina é caracterizada por estes postos:

TROPA	Soldado e cadete	
	Sub-officiaes . . .	Cabo 1º Cabo Sargento 1º Sargento Sargento-ajudante
OFFICIAES	Officiaes subalternos . . .	Sub-tenente Tenente 1º Tenente Capitão
	Chefes	Major Tenente-coronel
OFFICIAES	Officiaes superiores . . .	Coronel General de Brigada General de Divisão

A distribuição dos officiaes pelas armas salta do quadro abaixo, em que indico entre parenthesis, para facilitar as comparações, o numero de officiaes correspondentes do exercito brasileiro:

«O posto de tenente-general só é concedido em tempo de guerra internacional a qualquer dos generaes de divisão em actividade ou reformado, que tenha sido chamado a prestar serviços.»

O official pôde ocupar diversas situações com relação ao exercito. Na Argentina costuma-se dizer que elle tem uma certa *situação de revista* ou que *revista em certa situação*. Distingue-se a *actividade* e a *reforma*. Está em actividade o official que desempenha ou pôde desempenhar todas as funcções inherentes a seu posto. A *actividade* subdivide-se em *serviço efectivo*, *disponibilidade* e *passiva*. O serviço efectivo (na tropa ou em serviços auxiliares) comprehende-se por si mesmo. São considerados em disponibilidade: 1) Os officiaes sem destino e ás ordens do poder executivo para desempenhar serviço efectivo.—2) Os com licença por enfermidade por mais de 2 meses e menos de 6, salvo quando causada por motivo de serviço.—3) Os com licença por motivo pessoal por mais de 2 meses e menos de 6.—4) Os que desempenham funcções electivas nacionais, enquanto durar o mandato. São postos na *passiva*:—1) Os officiaes com permissão para desempenhar cargos fóra do

EFFECTIVOS DE CADA ARMA

POSTOS	Infantaria	Cavallaria	Artilharia	Engenharia	TOTAES
Tenentes-Generaes . . .	—	—	—	—	3 a 0
Generaes de Divisão . . .	—	—	—	—	6 a 9 (8)
Generaes de Brigada . . .	—	—	—	—	12 (20)
Coroneis	24 (26)	12 (10)	12 (16)	6 (11)	54 (63)
Tenentes-Coroneis . . .	40 (27)	20 (17)	20 (23)	10 (12)	90 (79)
Majores	80 (64)	40 (17)	40 (52)	20 (23)	180 (165)
Capitães	144 (229)	72 (91)	72 (131)	36 (46)	324 (497)
Primeiros Tenentes . .	140	70	70	35	315
Tenentes	112 (279)	56 (156)	56 (141)	28 (59)	252 (635)
Sub-Tenentes	84 (406)	42 (140)	42 (140)	21 (45)	189 (731)

O que desde logo chama a atenção no quadro argentino é a pequena proporção de capitães e subalternos para os officiaes superiores ou a abundancia destes. Enquanto entre nós ha cerca de 6 subalternos para um official superior, na Argentina ha pouco mais de 3. Tambem contamos cerca de 50 % mais de officiaes do que nossa vizinha (2.198 contra 1.428).

exercito (com excepção do mandato legislativo).—2) Os que se encontram fóra do serviço por molestia ou licença por mais de 6 meses (com excepção dos que enfermarem por causa do serviço).—3) Os presos preventiva e rigorosamente.—4) Os condemnados sem perda de posto.—5) Os castigados com suspensão de emprego ou de mando por tempo superior a um mez.

Dadas estas explicações preliminares, entremos directamente no assumpto e de tal modo, que o leitor se aposse num lance do principio fundamental da lei.

Para regularizar a promoção e esco-lher os mais aptos, assentou a Argentina que o *official* permaneceria *um numero prefixado de annos em cada posto*. Assim (vide o quadro abaixo na columna intitulada annos para a rotação) um sub-tenente passa 3 annos neste posto, um tenente 4, um primeiro-tenente 5, um capitão 6, e assim por deante. De que modo se consegue isso? Dividindo os officiaes de cada posto e arma pelo numero respectivo de annos de rotação, podem-se formar tantos grupos quantos forem os mesmos annos. Assim, por exemplo, como ha 144 capi-tães na infantaria, dividindo este numero pelo maximo de annos que um official deve ser capitão (6), tem-se 24. Quer dizer: os 144 capitães podem ser reunidos em seis grupos de 24 officiaes cada um. A cada grupo chama a lei Argentina *fracção* do quadro correspondente. Supondo os 144 capitães relacionados por antiguidade, a primeira fracção será formada pelos 24 mais antigos, a segunda pelos 24 subsequentes e assim por deante. A Repú-blica Argentina consegue obter a rotação prevista *escoando em cada anno a primeira fracção de cada quadro*. Em vista disso, é preciso desembaraçar todo o anno o quadro de capitães de 24 officiaes deste posto. Haverá, porém, 24 vagas annuaes de maior que permittam ascendel-os? Na Argen-tina não se cogita disso, assenta-se o se-guinte: dos 24 a afastar, 16 serão promo-vidos e 8 eliminados mediante reforma administrativa. Estes ultimos recebem, como

compensação, um aumento de 20 % sobre a pensão a que tenham direito por seus annos de serviço. O numero de officiaes a promover figura na columna do quadro intitulada — *Promoções* — e o dos a reformar na denominada — *Eliminações*.

Resta ainda esclarecer um ponto: Haverá de facto 16 vagas de major cada anno? Deve haver, em consequencia desta disposição: "As eliminações nos postos de general deverão produzir-se por limite de idade, reforma voluntaria ou administrativa, incapacidade e demissão. Caso, porém, tal não succeda, eliminar-se-ha o general ou os generaes de maior idade de todo o quadro respectivo, necessarios para que se obtenham as vagas annuaes prefixadas. A reforma em taes condições será com o soldo immediato." Tendo presente esta disposição, examine o leitor commigo o quadro transcripto. Verá, vindo de cima para baixo: Que num mesmo anno sahem por qualquer motivo, ou são eliminados, dois generaes de divisão; abrem-se, pois, duas vagas; ascendem dois generaes de brigada e eliminam-se um; ficam 3 vagas de general de brigada; ascendem 3 coronéis e são eliminados 6; abrem-se 9 vagas de coronéis; ascendem 9 tenentes-coronéis e são eliminados 9, e assim por deante. As eliminações envolvem em cada posto os que se retiram voluntariamente e os que morrem. As eliminações forçadas só ocorrem para completar o numero pre-determinado. Pode dar-se o caso das vagas abertas em consequencia de reforma, demissão, morte, etc., excederem ao dito numero. Então — diz a lei — as promoções estabelecidas para o posto inferior immediato ficarão augmentadas do excedente de vagas occor-

ridas no superior e se diminuirão de igual quantidade as eliminações por selecção naquelle posto, salvo se for impossivel preencher as vagas, unico caso em que se permitte promover officiaes mais antigos e aptos da segunda fracção do quadro.

Pelo que acabo de reproduzir, vê-se que cada anno exige a suppressão em cada posto da primeira fracção do quadro (por promoção e eliminação). Os officiaes dessa fracção são relacionados, não por antiguidade, mas por merecimento, isto é, são classificados por ordem de merito, e a promoção só toca aos primeiros. Se entre os que ficam para eliminar, ha alguns considerados aptos e se não foi promovido nenhum mais moderno, esses não soffrem eliminação; esperam mais um anno e são depois adicionados á segunda fracção do quadro, tomados em consideração para a promoção do anno seguinte.

A lei proclama francamente: "Não poderá ser proposto para promoção, nem promovido, salvo os casos previstos nesta lei, nenhum official que se não encontre dentro da primeira fracção de seu quadro ou que tenha ficado fóra do quadro dos considerados no anno anterior, e entre esses deverão preferir-se os mais aptos para o desempenho do posto immediato, até ficarem preenchidas as vagas existentes."

No ponto em que estamos, o problema que agora se nos antolha é saber como se opera a classificação dos officiaes. Antes, porém, vou dizer alguma cousa com relação ás *condições geraes* para o accesso.

Para ser segundo-tenente exige-se na Argentina a idade de 19 annos e o curso do Collegio Militar, estabelecimento em que se ingressa por meio de concurso. O intersticio é de 3 annos para tenente e de 4 para os demais postos. Não se pôde ascender a capitão sem haver cursado o primeiro anno da Escola Superior de Guerra. «Aos postos de general devem chegar unicamente os officiaes que houverem evidenciado possuir a capacidade necessaria para affrontar com exito as difficuldades e responsabilidades do mando supremo, e forem modelos e mestres de seus subalternos.» «Em igualdade de condições terão preferencia os que se houverem distinguido nos serviços do Estado-Maior.»

«Os officiaes de todos os postos farão um serviço minimo de dois periodos annuaes de instrucção no mando effectivo de unidades de tropa, em cada posto e de tal

maneira, que o ultimo anno coincida com o em que entrem para a fracção do quadro a ser considerada na promoção, excepto os que estiverem cursando a Escola Superior de Guerra.»

Quando o official não fôr designado para serviço na tropa, deverá solicital-o. Se apezar disso não fôr attendido, não lhe poderá advir dahi nenhum prejuiso. Prevenido de que vae servir na tropa, não deve esquivar-se; se o fizer ou, se estando na tropa, pedir para sahir della, (o que deverá ser feito por escripto), ou ainda se fôr retirado por deficiencia, ficará sem direito a novo mando e sujeito ás consequencias decorrentes para a classificação. Qualquer autoridade pôde solicitar do superior a substituição do official que desempenhe mal o commando de sua unidade.

«Os maiores, tenentes-coroneis e coroneis, á medida que entrem para as duas primeiras fracções do seu quadro, serão destinados aos postos previstos em o numero 103 (commando de regiões militares, forças e destacamentos de tropas, brigada de infantaria, cavallaria, artilharia e engenharia, director e sub-director da Escola Superior de Guerra. etc., etc.); far-se-hão as designações, tanto quanto possível, por antiguidade, de modo que corresponda ao mais antigo a unidade de menor numero e assim por deante, sempre que, a juizo do Governo, não houver motivo para outra norma de proceder, caso em que se participará ao interessado o fundamento da medida.» Autorizam-se permutas entre os interessados.

Se o Governo, por excepção e motivos superiores, retiver o official fóra da tropa, deverá submettel-o a provas praticas, em occasião opportuna, afim de apreciar-lhe a aptidão para o commando. Taes officiaes serão destinados «accidentalmente ao commando effectivo de unidades, nas seguintes épocas: *Subalternos*: desde o principio da escola de companhia até a terminação das manobras; *Chefes*: desde a terminação do periodo de companhia até o de manobras; *Coroneis*: da terminação do periodo de regimento ao de manobras; *Generaes de brigada*: da terminação do periodo de brigada ao de manobras.»

«Durante a permanencia desses officiaes no commando accidental, não se substituirá o titular ou effectivo. Os commandantes e demais superiores militares tomarão, ao elaborar os programmas as disposições

necessarias para que os officiaes em tales condições resolvam, como commandantes de tropas, pelo menos quatro themes tacticos, adoptando sob sua responsabilidade os meios que reputem necessarios para comprovar o desempenho e efficacia no mando e emprego das tropas.»

«Em caso algum a deficiencia de efectivos poderá ser allegada como desculpa para a não realização das provas praticas acima referidas.»

Parece-me chegado o momento de dizer como se organiza a lista de merecimento, isto é, como se classificam os officiaes tomando por base o merito relativo. Em synthese tudo repousa nos predicados do official e o modo como tem desempenhado os diversos cargos, patente no julgamento explicito de seus chefes, a começar do sob cujas ordens elle serve. Existe para cada official uma *Folha de qualificação* e um *Informe annual de qualificação*. A primeira indica em resumo a vida do official, sua instrução antes e depois de entrar para o exercito, os idiomas que falla, as campanhas em que tomou parte, os ferimentos que recebeu, etc., etc. O segundo contem sua vida militar durante o anno (castigos, faltas, partes de doente, licenças, funcções desempenhadas, etc. etc.). E' ahi que o superior immediato aprecia estas qualidades do official: *caracter, espirito militar, conducta, instrucção, competencia no mando, governo e administração da unidade*; e expressa seu juizo sobre elle, escudado no que observou durante o anno. Nesse documento tambem se nos depara um logar reservado aos *antecedentes do estado economico do official* no mesmo periodo. «Sob esta denominação — sentenceia a lei — annotam-se, por ordem chronologica, os embargos contra o official, com indicação de terem sido ou não levantados, assim como qualquer outra queixa por falta de cumprimento de pagamentos ou obrigações contrahidas, que cheguem ao conhecimento do superior e possam abalar o prestigio do official ou do exercito, ou ainda entibiar a confiança que o publico deve ter em todos quantos vestem uma farda.»

Os informes são ministrados depois de findo o periodo de instrução. Servem-lhe de base a observação directa do official e seu passado. Tambem é elemento importante a apreciação dos chefes nas revistas de inspecção. Em todas ellas, a começar pela de recrutas, o superior diz em parte

escripta o que pensa do que presenciou. Antes de mais nada deve declarar se o resultado *satisfiz* ou *não satisfiz*. Depois outorga uma qualquer das notas: *Má, medocre, bom, muito bom, e sobreexcellente*. Cabe-lhe salientar a unidade que mais se distinguio, qual a companhia do batalhão, por exemplo, que se apresentou em melhores condições, e assim por diante.

Não basta, porém, apreciar cada oficial isoladamente, cumpre estabelecer uma escala hierarchica de merecimento entre todos os de uma mesma unidade (companhia, esquadrão, bateria, batalhão, grupo, regimento, etc., etc.) «A ordem de merito relativo entre os qualificados — diz a lei — dentro da companhia, esquadrão ou bateria e successivamente no batalhão, grupo, regimento, brigada e divisão, será estabelecida comparativamente pelo respectivo chefe, unico por ella responsável. Não obstante, a titulo informativo e como antecedente para esclarecer qualquer duvida na qualificação, e illustrar o superior em seus estudos comparativos, serão convocados: os commandantes de companhias ou baterias pelo chefe de batalhão ou grupo, os de batalhão ou grupo pelos chefes de regimentos; e na cavallaria os commandantes de esquadrão e segundos chefes pelo commandante do regimento. Os commandantes de brigada convocarão os chefes de regimento ou unidades isoladas della dependentes, e os de divisão os das respectivas brigadas. Lavrar-se-á uma acta em duplicata, de cada reunião, a saber uma para o chefe convocante e outra para ser encaminhada ao superior juntamente com a nota das qualificações. As grandes repartições do Exercito applicarão por analogia o mesmo criterio.»

Na folha de qualificações ha logar reservado para o juizo dos commandantes (de batalhão ou grupo, regimento, brigada e divisão), pois todos são obrigados a manifestar-se por escripto com relação ao official.

«Quinze dias depois da terminação do periodo annual de manobras, devem chegar ás mãos dos commandantes de divisão, ou chefes das grandes repartições, as qualificações de todos os seus officiaes.» Dentro dos quinze dias subsequentes, estas autoridades terminarão suas qualificações e as enviarão ao Ministerio da Guerra, que tudo concentrará na Direcção Geral do Pessoal.

Resta somente elaborar a lista definitiva, juntando e comparando os informes

das cinco divisões do Exercito e das grandes repartições. Incumbe esta ultima tarefa a uma commissão especial (algo como a nossa commissão de promoções), composta de um general designado pelo poder executivo, como presidente, dos commandantes de divisão (5), e do chefe da Direcção Geral do Pessoal. A commissão reune-se dentro dos 48 dias que succedem ao da terminação de cada periodo annual de instrucção. Serve-lhe de secretario, com voto, o menos graduado ou mais moderno. Ha dois periodos de sessão: no primeiro cada commandante de divisão examina, com o director geral, os antecedentes e as qualificações dos officiaes que lhe não estão subordinados. No segundo a commissão reunida «examina as qualificações dos officiaes da primeira fracção de cada arma e posto, estabelecendo comparativamente entre elles, e para cada um, a ordem de merito necessaria á selecção, de modo que o numero um seja o mais apto e assim por deante. Quando se tratar de official estranho a uma divisão, tomará parte na commissão de escolha o chefe da grande repartição em que elle se encontre servindo. As listas de merecimento assim organizadas são dirigidas pelo presidente ao Ministro da Guerra e constituem a proposta para a promoção.

No accesso a general, a referida lista comprehenderá todos os coroneis sem distinção de arma.

“Uma vez approvadas pelo poder executivo as listas de proposta para o accesso, comunicar-se-á aos excluidos a sua situação e far-se-hão, num só decreto, todas as promoções até o posto de tenente-coronel inclusivé, e, logo que se obtenha a approvação do Senado, as dos officiaes superiores.”

Se um official excluido quizer reclamar, só poderá fazel-o dentro dos dez dias que succederem ao em que recebeu parte de sua exclusão.

O leitor acompanhou-me pacientemente nesta digressão pela Lei Argentina e de certo me perdoará, quando a conhecer de perto, não haver eu entrado em certas minudencias, sem duvida de utilidade para quem deseja esmerilhar o assumpto, mas desnecessarias aos que tão sómente aspiram adquirir uma visão synthetica do intrincado problema.

Pelo que me consta, a lei despertou muitos descontentamentos, alguns até nu-

trem a esperança de que não logrará vingar. Parece-me que as queixas principaes são contra as eliminações forçadas e a reducção do quadro. Que esta ultima não foi pequena, prova-o a tabella abaixo, devida a nimia gentileza do meu distinto camarada capitão Armando Duval; nella se comparam os effectivos da lei actual com os da antiga.

POSTOS	Effectivos da Lei 4.707	Effectivos da Lei 9.675	Para mais	Para menos
Tenentes-Generaes . . .	3	3 a 0		
Generaes de Divisão . . .	6	6 a 9		
Generaes de Brigada . . .	12	12		
Coroneis	70	54		16
Tenentes-Coroneis . . .	150	90		60
Majores	200	180		20
Capitães	320	324	4	
Primeiros-Tenentes . .	320	315		5
Tenentes	300	252		48
Sub-Tenentes	300	189		111
Cadetes (cont. annual)		63		

O argumento contra a eliminação forçada tem grande peso: de facto a renovação invariavel pela primeira fracção do quadro pôde acarrear, como consequencia, sahir num anno, por eliminação, um official de real merecimento. A demora por mais um anno, de que cogita a lei, talvez não baste para reparar a inflexibilidade dessa disposição.

Embora não disponha de elementos para pronunciar-me com segurança, suspeito que o augmento de despesa com as eliminações administrativas pesará duramente no orçamento da Guerra.

O que porem não padece duvida, é que a nova lei Argentina, á semelhança da antiga, conta disposições pormenorizadas sobre o modo pratico de chegar-se ao seleccionamento dos officiaes de merito. Não é, como a nossa, um rapido amontoado de palavras, mas ao revés um código de regras com que se põe cerco, tanto quanto possível, ás fraquezas humanas. O que nella mais me seduz, como já me seduzia na antiga, são as regras terminantes com respeito á obrigação para todo official de servir arregimentado em cada um dos postos. A rotação dos officiaes

opera-se na Argentina de dois em dois annos, de modo tão proveitoso e regular, que foi uma das cousas que mais me chamaram a attenção quando aporei áquelle futuroso paiz. Por que não procedemos de modo identico? Penso que pouco falta á implantação entre nós do mesmo regimen, visto ser essa, não só a opinião do nosso digno Ministro, como a de numerosos companheiros. Ainda ha bem pouco o chefe do Departamento da Guerra agitou a questão, salientando-lhe o palpante interesse. Trata-se de uma medida urgente, instantemente reclamada pelo bem do Exercito e dos proprios officiaes.

Em todos os paizes do mundo o numero de officiaes de cada arma é sempre maior do que o de suas unidades, pela razão evidente de que, além dos officiaes imprescindiveis ao mando dessas mesmas unidades, o Exercito ha mistér de outros para serviços auxiliares. Se pois as unidades de tropa sempre estivessem nas mesmas mãos, os officiaes excedentes, ou do quadro supplementar, nunca conseguiram habilitar-se no commando das diferentes fracções e, só quando chegasse ao periodo de mobilisaçao e concentração, quer dizer a tormenta da guerra, poderiam ir obter uma prática, que já deveria constituir um capital sagrado de cada um delles. Mas tudo isso, que é verdade em teoria, ainda mais se releva quando se trata de paiz como o nosso, em cuja dilatada superficie somos obrigados a desparzir nossas tropas, não só por motivos estratégicos, senão tambem por considerações politicas e administrativas. Assim sendo, é claro que haverá muitas unidades mal localisadas no ponto de vista da hygiene ou da civilisação do meio, e seria portanto crueldade manter sempre nellas, pela coacção da disciplina, os mesmos individuos. É esta circunstancia que explica por que entre nós taes unidades contam poucos officiaes, e param as vezes em mãos de estranhos á respectiva arma. Quasi todos lhes têm aversão e só para ellas se dirigem quando nada pôde amparal-os, e sempre com a traça secreta de as abandonar no primeiro ensejo.

Ora, a grande verdade é que as unidades de tropa são meros instrumentos, que a Nação temporariamente nos confia e de que se serve, afim de que todos nós nos adestremos, isto é, grangeemos a prática indispensável á condução victoriosa

das hostes levantadas no momento da crise. Companhias, batalhões, grupos, regimentos, etc., etc., não são propriedade de ninguem, mas tão sómente *escolas de commando*, nas quaes se confirma a lei de que aprender é consolidar o saber theorico e enriquecer com as lições da experencia.

Infelizmente ainda ha entre nós resistentes a essa translucida verdade; alguns officiaes ainda pensam que retiral-os do commando é desmoralisal-os e que só elles o podem desempenhar com proficiencia. Dahi certas perturbações amortecidas, com apparencias de crise latente, que ainda por vezes nos surprehendem. Mas o inverso é que é a verdade irrefragavel: *Ninguem é dono de unidade, nem nella deve permanecer toda a vida, simulando um monopólio de saber e confiança que realmente não existe e até causa dano ao cunho impessoal que deve caracterizar as forças armadas.*

Conheço alguns casos de officiaes que não alcançaram renome, porque nunca acharam querer os localisasse num meio de recursos e de trabalho; viveram longe dos grandes chefes e por isso passaram despercebidos e acabaram sepultando na magua secreta todo o entusiasmo profissional. Esses infelizes são mais numerosos do que julgam certos bemaventurados, que nunca afrontaram a saída da barra. A rotação diminue, se acaso não extingue, todos esses inconvenientes; impõe a todos uma mesma bitola e faz que todos sintam ser indispensável educar soldados, para que se possam ufanar dos galões que lhes adornam o uniforme.

Tudo isso já o alcançou a Argentina. Ningem alli ousaria olhar o companheiro, que o vem substituir no corpo, como intruso ou feliz intrigante; acham todos que a função é temporaria e a cédem com prazer e lealdade ao recem-chegado.

Quando não havia no Brazil um quadro supplementar das armas, ou só o havia para a artilharia, ainda se comprehende a doutrina do monopólio; um individuo podia fallar *do seu corpo*. Mas hoje, que existem por força da organisação inumeros officiaes fóra da tropa, a conservação de taes idéas já não encontra nenhum fundamento.

Discreteando uma vez na Argentina com um distincto camarada deste paiz, acudiu me elle com varias pilherias do

tempo em que seu Exercito padecia do mesmo mal. "Houve aqui—referiu—um oficial que entrou para um corpo de Buenos Ayres no primeiro posto e só o abandonou quando o promoveram a general de brigada." Não seria talvez impossivel a outros exercitos do continente competir com o argentino neste particular.

Urge dar um golpe de morte nesse velho habito, proclamando bem alto a necessidade imprescindivel da substituição periodica dos officiaes em todos os degráos da hierarchia. Temos progredido de mais para sacrificar o bem da instituição e da maioria ao interesse estreito de meia duzia. E' possivel que no começo alguns se queixem á surdina, mas logo emmudecerão, porque é irrefreavel o poder das medidas que se inspiram, unica e exclusivamente, nos grandes interesses do paiz.

Coronel Tasso Fragoso.

TRIBUNAES DE HONRA NA ARGENTINA

A Republica Argentina acaba de adoptar em seu exercito a nobre instituição dos tribunaes de honra.

Animada por esse espirito progressista, que a tem assinalado como precursora dos povos vizinhos na execução das reformas sociaes as mais ousadas,—como a obrigatoriedade do voto e do serviço militar,—a rica nação do Prata ha muito comprehendeu resolutamente a remodelação de suas instituições militares, enveredando por caminhos seguros, com tal firmeza e continuidade, que hoje seu exercito se apresenta com o brilho e a efficiencia que todos admiramos.

E no traçar as linhas geraes que deviam orientar sua acção constructora, os reformadores argentinos jámais se deixaram deter por considerações a mal cabidas susceptibilidades, nem pelos preconceitos retrogrados da velha sabedoria conservadora, que por toda a parte resiste á força expansiva das idéas novas, com o peso morto da rotina e das opiniões preconcebidas.

Seguros, assim, do caminho escolhido, e certos dos beneficios que a patria colheria, emprehenderam a reorganisação do velho exercito dos *pronunciamientos*, aproveitando os ensinamentos já consagrados nas melhores instituições congeneres da Europa.

Sem os entraves de um mecanismo militar complicado, e libertos do preconceito vaidoso das *idéas originaes*, os reformadores argentinos puderam modelar o espirito da officialidade dentro de uma doutrina de guerra unica, assimilada do estrangeiro embora, mas applicada com tal convicção e tenacidade que em pouco tempo penetrava todas as camadas do exercito, ligando-as por uma communhão de principios que estamos longe de possuir.

Já na adaptação dos regulamentos allemaes a seu exercito, fizeram os argentinos uma obra de conjunto, abrangendo todas as armas e serviços, dotados em curto praso com os *guias* necessarios á explanação dos principios aceitos, o que muito facilitou a instrucção da tropa nos novos moldes. Mas, não contentes com essa obra de systematização, e receiosos que na applicação da doutrina perfilhada pudessem sobrevir más interpretações, enviaram a servir nas fileiras prussianas,—não um punhado de subalternos, mas um grande numero de officiaes de todos os postos, que durante muitos annos circularam, numa corrente ininterrupta, pelos campos de instrucção da Allemanha, impregnando-se de cultura profissional e penetrando os segredos daquella incomparavel organização. Assim, dispôz em breve o exercito argentino, de numerosos officiaes, legítimos interpretes dos novos regulamentos, por telos assistido praticar em suas proprias fontes.

E para imprimir cohesão a esse trabalho de assimilação importado atravez dos officiaes, e que naturalmente se resentia das influencias pessoaes de seus portadores, confiaram os argentinos o ensino profissional nas escolas militares a illustres officiaes allemaes, os quaes, com a autoridade de seu saber já consagrado, ao mesmo tempo que iam assegurando a unidade de doutrina entre os jovens militares, diffundiham os principios novos por todo o exercito, atravez de uma série de publicações explicativas dos regulamentos.

Ao passo que, por medidas intelligentes applicadas com firmeza, erguiam os argentinos a instrucção de sua força armada ao alto gráo em que hoje está,—exhibindo no continente sul-americano um apparelho de guerra cujo efficaz funcionamento está assegurado pela perfeição dos serviços e pela efficiencia das reservas,—emprehendiam por outro lado a valorização do saber profissional, por meio de

uma lei de promoções que garante o acesso dos postos hierarchicos aos mais competentes, aos mais aptos, aos mais dignos, não só como galardão a seus meritos, mas principalmente como prova de confiança para o desempenho de funcções mais elevadas.

Os fructos colhidos por essa lei de promoções são já extraordinarios, mas o alto grão de perfeição a que attingiu o exercito argentino exigio novas modificações no apparelho seleccionador, hoje alterado pelas prescripções da lei n. 9.675, publicada a 1º de Maio do corrente anno.

Com a nova lei, já se não busca, tão sómente, apurar a efficiencia dos quadros,—premiando e distinguindo o saber militar,—mas, sobretudo, elevar ainda mais o conceito de que gosa o corpo de officiaes no seio da sociedade, ennobrecendo-lhe a farda com a exclusão dos que a macularem, sobre os quaes recahem inflexiveis as sentenças dos tribunaes de honra.

Para isso, o artigo 51 da lei citada autoriza o Poder Executivo a "privar, mediante prévio parecer de um tribunal de honra, do título do posto e do uso do uniforme, qualquer official que se reforme, quando isto convenha ao decoro da hierarchia".

"Igualmente poderá o Poder Executivo,—continúa o artigo 51,— com prévio parecer de um tribunal de honra, privar do uniforme e do título do posto a todo oficial já reformado que terha má conducta, commetta faltas contra a honra ou o decoro da hierarchia, quando vestindo o uniforme pratique actos contrarios á disciplina ou exerça habitualmente funcções ou actos que não tenham carácter militar, ou quando hajam sido condemnados por juiz competente a pena que o tribunal de honra considere deshonrosa."

Estão, assim, creados na Argentina os tribunaes de honra com carácter permanente, estendendo sua jurisdicção moral "aos officiaes do exercito permanente, da reserva e reformados que tenham direito ao uso do uniforme e ao título do posto".

**

Não é uma instituição nova, essa dos tribunaes de honra, mas nem por isso está muito divulgada entre os exercitos.

Existente na Allemanha desde a idade média, e primitivamente destinada a julgar questões de honra entre os nobres, foi introduzida em seu exercito por Gustavo

Adolpho, com o fim de resolver, por um processo regular, os frequentes casos de honra surgidos com seus officiaes.

Adoptados em seguida pelo Brandenburgo, os tribunaes de honra tiveram o seu primeiro regulamento em 1808, quando se firmou nitidamente o principio de que "o official depende do julgamento de seus pares, no que concerne á sua conducta, tanto no serviço, com fóra delle." (1)

Partindo desse conceito, têm sido os tribunaes de honra, na Allemanha, o instrumento mais efficaz empregado pelo corpo de officiaes para agir como mentor e fiscalizar os actos moraes de seus membros. Por isso, diz Gavet: "os tribunaes de honra têm sido até hoje o apanagio dos exercitos onde o *espirito corporativo* entre os officiaes foi elevado ao mais alto grão."

O mesmo auctor, estudando essa instituição do exercito germanico, considera-a "particularmente interessante para os franceses, precisamente porque elles nada têm de semelhante."

O regulamento para os tribunaes de honra no exercito prussiano, de 2 de Maio de 1874, completado pela addicional de 1910, estabelece o seguinte:

"Os tribunaes de honra têm como objectivo garantir a honra, que é o patrimonio commun do corpo de officiaes e de cada um de seus membros.

Constitue seu dever:

a) proceder, segundo as regras establecidas na presente ordenança, contra os officiaes cuja conducta fira os sentimentos de honra ou as conveniencias do corpo de officiaes, e pronunciar a exclusão dos que se tornarem indignos;

b) rehabilitar os officiaes cuja honra esteja compromettida por suposições infundadas, desde que não haja outro caminho a seguir."

Os artigos 12 e 13 do regulamento argentino pormenorizam muito mais o fim e a jurisdicção de seus tribunaes de honra, definindo até onde se estende sua acção,—*sin perjuicio de la competencia disciplinar o judicial a que haya lugar, y de acuerdo con la tradicion implantada por el General San Martin.*

Remontando, assim, ás origens da nacionalidade e á cavalheiresca figura do heroe da independencia, os argentinos mostram ter instituido os tribunaes de honra para assegurar ao corpo de officiaes os senti-

(1) Gavet. L'officier allemand, pag. 40.

mentos do exercito libertador. Todavia, não encontramos definidos, em seu regulamento, os sentimentos e qualidades que caracterizam a honra militar, com tanto relevo expressos por Guilherme I em sua ordem do dia de 1874.

O imperador alemão, nesse escripto celebre, — verdadeiro código de honra para os officiaes, — depois de manifestar sua vontade de que as prescripções ahi contidas fossem “comprehendidas e applicadas com aquelle espirito que sempre animou o seu exercito”, assim se exprime:

“Eu espero de todo o corpo de officiaes de meu exercito, que a honra seja sempre no futuro, como tem sido no passado, a sua melhor joia; o mais sagrado dever de todo o corpo de officiaes, como o de cada um de seus membros em particular, consiste em conservar essa honra pura e sem macula.

O cumprimento desse dever comprehende o consciencioso e cabal desempenho de todos os outros deveres do official. A verdadeira honra não pôde existir sem a fidelidade até á morte, sem uma inquebrantável coragem, uma firme resolução, obediencia até á renuncia de si mesmo, absoluto amor á verdade, rigorosa discreção, e sem devotado cumprimento dos deveres em apparencia, mesmo, os menos importantes.

A honra exige que a propria vida publica do official exprima essa dignidade que provém da consciencia, que elle tem, de que pertence á classe incumbida da defesa do throno e da patria. O official deve esforçar-se por só frequentar os círculos sociaes onde reinem os bons costumes, não perdendo jámais de vista, sobre-tudo nos logares publicos, que elle não é apenas um homem bem educado, mas tambem o portador da honra e dos altos deveres de sua classe. Deve abster-se em absoluto de toda acção que possa acarretar prejuizo á reputação do individuo ou da collectividade, notadamente de todo excesso, — bebida e jogos de azar; e fugir á acceptação de compromissos que possam despertar a idéa de processos suspeitos; não deve fazer parte de sociedades financeiras, cujo fim não esteja ao abrigo de toda discussão e não seja de reputação inatacavel; e, em geral, não deve procurar auferir lucros por meios e processos cuja absoluta correcção não se evidencie á primeira vista. Emfim, o official não deve jámais empenhar sua palavra de honra em vão.

O desenvolvimento do luxo e do bem estar impõe cada vez mais ao official o dever de não esquecer, que não são os bens materiaes que lhe conférem e lhe asseguram a honrosa posição que elle ocupa na Sociedade e no Estado. Uma vida de frouxidão e de molleza não só poderia attingir as qualidades militares do official, mas o amor do luxo e dos gosos abalaria, até á base, o corpo de officiaes.

Se os corpos de officiaes são animados do sentimento de camaradagem, se se inspiram no verdadeiro espirito de corpo, ser-lhes-á muito mais facil evitar os excessos, e trazer ao bom caminho os camaradas transviados, afastando as querellas inuteis e as discussões indignas.

A consciencia, que os officiaes, com fundada razão, têm de sua dignidade, não deve degenerar em orgulho, nem inspirar o desdém pelas outras classes sociaes.

Se o official possue o amor da profissão e aprecia o que ella tem de elevado, não pôde deixar de convencer-se de que a confiança das outras classes sociaes é indispensavel ao corpo de officiaes, para garantir exito á gloriosa e grave missão do exercito.”

Depois de orientar a conducta dos officiaes de reserva, o imperador entra a salientar o papel dos chefes na educação dos jovens officiaes :

“Os commandantes de regimentos, e os chefes que exercem atribuições semelhantes, são responsáveis pela manutenção de um vivo sentimento de honra no corpo de officiaes do exercito activo e da reserva. A acção que elles exercem sobre a educação dos jovens officiaes habilita-os a fazer sentir sua influencia na conservação desse espirito, — base indispensavel da grandeza de um exercito, — muito além dos limites e mesmo da duração de seu comando. E isso alcançarão, exigindo que os jovens officiaes sigam os conselhos amigáveis dos mais velhos, mostrando que é um direito dos officiaes mais antigos observar e dirigir a conducta dos mais jovens.

E, desse modo, pela educação, o exemplo, os conselhos, a advertencia e as ordens, se tornarão cada vez mais raros os factos que exigem a intervenção dos tribunais de honra.”

A ordem imperial, sempre nesse elevado tom, prosegue pregando o evangelho da honra, ensinando a maneira amigavel como se devem comportar os membros

dos tribunaes para com os camaradas submettidos a julgamento; indicando os motivos que impõem a eleição na escolha dos juizes desses tribunaes; prescrevendo a missão que lhes incumbe, etc.

Não resistimos ao desejo de transcrever ainda um pequeno trecho desse celebre documento, aquelle em que o imperador assignala — que a acção dos tribunaes de honra em nada perturba a autoridade disciplinar dos commandantes:

"Os chefes militares evitão, — estou certo, — submeter aos tribunaes de honra as faltas que possam ser corrigidas pelos meios de que dispõem para manter a disciplina e assegurar a sua autoridade.

Agindo de outro modo, elles diminuiriam o prestigio das decisões dos tribunaes de honra."

E' esse admiravel conceito da honra militar, são os sabios conselhos com que o regulamento alemão orienta e traça a conducta dos officiaes, que, nos parece, fazem falta no regulamento argentino.

Veremos, de outra vez, a composição e funcionamento dos tribunaes de honra na Argentina.

1º Tenente E. Leitão de Carvalho.

Presente versus Passado

A Defeza Nacional venceu mais um anno de proficia existencia. E' um facto, esse, digno de nota na chronica de nossa desfalecida litteratura militar.

Mas o seu principal merecimento não está nisto, bem que ella surgisce em nosso meio acompanhada apenas da modesta escolta de alguns officiaes dedicados.

O grande merito d'*A Defeza*, que a torna credora de uma immensa sympathia, vem da reforma que operou nos habitos intellectuaes do Exercito. A intelligencia, que outr'ora dissipavamos, por um máo vezo escolar, na tonta leitura dos classicos da guerra — quando a não deturpavamos na pedantaria solerte do comtismo brasileiro — volvemol-a hoje para o estudo lucrativo dos regulamentos, que nol-a esclarece e disciplina.

Vamos perdendo, sem o sentir, aquella garrulice brilhantemente esteril, e vamos em troca adquirindo a precisão de espirito, que constitue a feição predominante dos verdeiros cerebros militares.

Mas para bem avaliar-se este progresso, não basta ler as producções instructivas que *A Defeza* mensalmente lança na circulação mental da tropa. E' preciso comparar o que agora somos com o que foramos até bem pouco tempo. E o que foramos ninguem melhor diria do que Eduardo Prado, quando escreveu:

"O soldado brasileiro que, na guerra do Paraguay, mostrou uma bravura tão constante, uma abnegação tão commovente nos maiores sofrimentos, tem ainda hoje as mesmas qualidades. Infelizmente, não é boa a direcção dada a essas qualidades. O official novo é de um typo bem diferente do antigo. Já não existe mais o velho militar descendente directo da milícia portugueza das campanhas peninsulares, raça de officiaes aguerridos nas luctas do Sul do Brazil, que salvou a unidade do paiz, suffocando as revoltas, sustentou a honra brazileira e defendeu a civilisação, destruindo as tyrannias militares de Rosas e de Lopez. Não eram talvez muito instruidos esses bravos; mas eram claros exemplos de fidelidade á honra dos seus juramentos. Suas idéas simples, feitas mais de sentimento e de habitos de dedicação do que de complicados raciocinios, não lhes permittiam subtilezas e distincções, quando se tratava do dever militar. O oficial novo, no Brazil, ouviu nas escolas maior numero de professores. Esses professores (pelo menos muitos delles), ou são bachareis discursadores, ou são militares de livro francez, philosophantes do positivismo, desses que para a exposição desta escola tiveram a habilidade de crear no Brazil uma rhetorica especial. Da natureza desse ensino dá uma idéa a seguinte anecdotá contada pelo barão de Hübner, antigo ministro dos negocios estrangeiros do Imperio Austro-Hungaro. M. de Hübner foi assistir a uma aula, na Escola Militar do Rio de Janeiro, e o professor, para lhe fazer honra resolveu falar em francez, apezar do barão comprehender perfeitamente o portuguez. Que disse deante daquelle estrangeiro illustre o professor da Escola Militar do Imperio? Durante mais de uma hora falou o verboso homem fazendo o elogio do Nihilismo! O barão retirou-se, inteiramente edificado sobre a instrucção dada aos militares brasileiros.

O governo monarchico commetteu um erro immenso, deixando ao ensino militar o seu caracter exclusivamente theorico.

O Sr. D. Pedro II, tão ocupado das sciencias, não fez senão abacharelar o official do exercito, que agora naturalmente revela um tão pronunciado furor politicante, discursante e manifestante. O resultado seria outro, se o governo olhasse para as escolas do exercito, si mantivesse na Europa constantes missões militares, si promovesse o bem-estar, a bôa educação, o conforto, a confraternidade bem entendida, o mutuo respeito, creando para o oficial uma atmosphera de distincção, reformando e organisando com decencia e ordem os quarteis, dando uniformes mais elegantes aos jovens officiaes, augmentando o soldo, creando clubs com a installação que exige o decôro da officialidade de um paiz civilizado.

Ao sahir da escola, o joven official nada disto encontrava, nem recebia do governo cousa alguma que concorresse para completar-lhe a educação.

E a maior boa vontade, as melhores disposições do official esterilisavam-se, ou tomavam direcção inconveniente. D'ahi, a razão de muitas aptidões se desviarem da carreira das armas: d'ahi, o falseamento do espirito militar. Muitos dos officiaes brazileiros são apenas bachareis de espada; elles prezam mais do que tudo as graduações do seu curso mathematico, e o titulo de bacharel, ou de doutor, é por elles mesmos anteposto á designação de suas patentes. O official allemão, francez ou inglez, que antes do almoço tem andado vinte ou trinta milhas a cavallo, feito uma hora de sala d'armas, atirado ao alvo, tomado uma ducha, que pisa rijamente o solo, respirando com largos pulmões o ar frio das manhãs, e que ainda passa depois o dia em exercicios, — esse official europeu difficilmente comprehenderá a nenhuma educação physica e profissional do official brasileiro. Para elle será sempre incomprehensivel o capitão Dr. Fulano, o segundo tenente bacharel Sicrano e o tenente-coronel Dr. Beltrano."

Lembro-me que, ao ler a obra de Eduardo Prado, estaquei, máo grado meu, neste Dr. Beltrano. E' que me invadiu o espirito, naquelle instante, a visão da escola do meu tempo.

Mas temos mudado muito. E essa mudança devemol-a, em grande parte, a esta magnifica Revista, que completa hoje trez annos de vida proveitosa.

1º tenente *Daltrô Filho.*

PARA A FRENT, CUSTE O QUE CUSTAR!

Sobre nossos destinos sempre pesou um grave prejuizo. A falta de fé, ininterruptamente, tem plumbeado sobre a nação.

Quanto gravita sobre os eixos da nossa politica nos parece simplesmente desastrado. O que se prende á nossa industria e ao nosso commercio é julgado com aspero descredito. As nossas finanças afiguram-se-nos um cahos. Qualquer construcção que as energias nacionaes trabalhem é menospresada. Delapida-se a reputação dos homens publicos. A menor mácula, remota mesmo, inutiliza os mais habeis e fieis servidores.

E' que nos possue um surdo pessimismo, constante, corrosivo. Descremos de tudo e de todos.

E a feição normal dos surtos nacionaes é sempre invertida, anniquiladora.

Não é facil aquilatar o poder depressivo dessa auto-sugestão para a derrocada. E, em verdade, essa é a verdadeira causa anemisante do nosso paiz.

Quem quer que ame o Brazil deve combater esse virus da impotencia moral.

Se rasoavelmente analyssarmos as nossas coisas, não justificaremos a covardia de espirito que nos infelicia.

As riquezas nacionaes são um thesouro inexaurivel de aspectos os mais glaucos e que o futuro fará desfilar ante as gerações. Condensadores de occultas e incalculaveis energias, mostram-nos outro rumo mental e de actividade que não o preferido por nós. Indicam-nos o optimismo como a unica religião para os brazileiros.

Os nossos homens têm dado bôas provas de si. Sempre que um momento critico tem surgido encontra os que se revelam dignos dos posteros. José Bonifacio, Caxias, Floriano e Rio Branco nos conquistaram um amor eterno. Se hoje houver uma emergencia historica, como as que comportaram as glórias desses nomes venerados, ha de apparecer o eleito.

O estudo detido das reminiscencias da nacionalidade não autoriza senão a fé em nossa grandeza.

Se concebermos uma balança capaz de precisar a somma de nossos acertos e erros, objectivaremos a negação do que geralmente se sente. O recipiente dos acertos será quedado. Entretanto, aos olhos vulgares o que avulta é a carga dos erros. Poucos serão os capazes de se aperceber de que o maior peso dos acertos é que alçou os erros.

E é assim mesmo. As acções infelizes são logo notificadas. A opinião as disseca nos minimos detalhes. A maioria se entoxica com a divulgação que se lhes dá. Os actos bons quasi sempre ficam na penumbra da actualidade, incomprehendidos. Só mais tarde saem dos bastidores dos conchavos politiqueiros. Muito depois é que produzem os devidos fructos.

A visão da concha dos erros alçada, avultando, é que deteriora o espirito da massa.

E sem mais cuidados se proclama a derrota do bom governo. Com pensamentos e actos de indifferença e desanimo se propagam o desanimo e a indifferença. Eis como urdimos o ambiente destructor que espartilha a vida nacional.

Ao commun do nosso senso os homens, as leis e as instituições da nação são da peior especie.

Individualmente, julgamo-nos irremediables



prisioneiros do irrevogavel atavismo das pessimas caracteristicas nacionaes.

Em vez de vogarmos á grandeza a que nos convida o nosso auriverde Brazil, envenenamo-nos de scepticismo. Naufragos da fé, fazemos submergir tambem o nosso paiz cravejado de mattas e de oiro e de glorias.

E' tempo de acordar.

Impêçamos a nossa fallencia de animo de se crystalizar num desastre de cortantes arestas. Evitemos a objectivação dos temporaes de dôr e de descrença que trovejam em nossas mentes. Tratemos a serio, sem perda de tempo, dos nossos problemas, para que ainda um dia não morramos de vergonha. Não esperemos que nos fustiguem os remorsos rubros da ruina.

As individualidades pensantes devem, constantemente, agir nesse sentido supremo.

Urge um antidoto energico mas perseverante contra os males que impedem a nossa integral nacionalisação.

O pensamento da nação deve ser o da fé em seus proprios designios.

Aos capazes de discernir o porque da elevação do recipiente dos erros cabe os rigores da obra.

Ao Exercito, particularmente, incumbe a tarefa.

* * *

E os dias que passam dizem que enveredamos por esse rumo.

O meio civil já vem assimilando o trabalho que transformou a caserna numa colmeia.

As bellezas da nossa moderna missão transbordaram os nossos arraiaes. Hoje, todas as classes são visitadas pelas correntes de patriotismo que engendra o mecanismo militar.

Até então o interior do nosso exercito era inteiramente ignorado. Poucos procuravam conhecê-lo.

O mundo não militar suppunha ainda os mesmos caracteristicos do exercito da vara e da escoria. Pensava que o official se havia solidificado nos antigos moldes que lhe eram peculiares. Julgava-o um energumeno fardado ou a presunção bacharelica em alto grão. Desconhecia-se o official honesto profissionalmente, e por isso mesmo capaz.

Ao soldado não se dava a honra de classificação. O salteador de calça garante, dos logares escusos, continuava a espancar a razão dos que tentavam consideral-o. Temia-se como eternamente presentes as passadas façanhas lamentaveis dos pessimos especimenes que empestaram as nossas fileiras.

Como um desmoralisante feixo se encerraram esses conceitos com intolerantes censuras á nossa inteira insufficiencia.

A nossa evolução, porém, tudo transformou.

Hoje o Exercito vae-se tornando digno das mais elevadas aspirações nacionaes.

A golpes de trabalho e de fé, um a um, vêm ruindo todos os nossos velhos prejuiz s. As muitas impropriedades que ainda vegetam cederão á sapo perseverante dos nossos esforços que não cedem.

E o nosso povo nos acompanha de perto. Bem ou mal corre aos novos templos de civismo. As nossas casernas se apinharam de cidadãos que querem ser soldados. Hoje, meninos e soldados, officiaes e civis, todos cantam a patria nas estrofes dos hymnos nacional e da bandeira.

É que o espirito dos quadros mudou.

O oficial se divorciou de vez da igreja de Comte. Agasalhou-se na sumptuosa cathedral que as nossas fronteiras geographicas constituiram.

Desvendadas determinadas directrizes, as escolas militares vêm se tornando mais e mais efficientes.

O aspirante d'agora em vez de concluir o curso de bacharel em sciencias sahe das escolas sabendo montar a cavallo. Despercebido das perniciosas theorias abstractas, é lançado na pratica do tiro e do jogo da guerra.

Não mais as turmas se apresentam myopes e asthenicas de apostarem competencia com os caprichos dos professores. Nesses vae rareando a celebre mania das questões insolueveis. Inquestionavelmente, as escolas, aos poucos, vêm se reportando aos verdadeiros eixos. Já produzem aspirantes iniciados em todos os ramos da arte da guerra, mas especialisados no que as suas aptidões elegeram.

O commercio com as idéas militares do vel o mundo é tambem um factor a computar.

As nossas intelligencias despertadas têm incursionado por toda a vasta e rica bibliographia militar universal.

Demais, o exemplo de officiaes apostolados aos novos moldes tem feito muito. Sobre suas pégadas palmilha um cortejo considerável de adeptos.

Ainda muito devemos á elaboração dos regulamentos. A feitura desses instrumentos vitaes para as armas e os serviços honra as gerações actuaes.

Eis a seiva que rejuvenesceu o tronco secular do qual eramos rebentos embotados.

A nossa propria vitalidade é que vem corroborando as patrioticas convicções da mocidade civil.

E' o que ouvimos dos labios dos poetas. E' o que cantam as suas sonhadoras rimas — resonancias longínquas da nossa grandeza e que bailam nas regiões doiradas do nosso futuro.

* * *

Positivamente a machina militar de terra vae se remontando. O gigante adormecido desperta. Um punhado de officiaes de todos os postos fez resurgir o exercito.

A nação inteira lhes dá as mãos. Os corações de nossas patricias lhes sorriem. E os que teem feito as ingremes etapas dessa jornada exultam de sentir a Patria risonha de esperanças.

Agora é preciso estarmos na altura dos patrioticos rasgos das gerações adolescentes.

A parte sã do paiz nos espreita anciosa e confiante. Todos nos acariciam com suas qualidades de coração e de alma.

Não é mais possivel coexistirmos divorciados, os dois grandes grupos em que nos scindimos.

A actualidade nossa não permite que só uma minoria trabalhe na obra grandiosa.

O momento reclama que os tresmalhados voltem ao aprisco.

Cada um deve fazer appello ás suas tendencias physicas, intellectuaes e moraes, escolher-lhes um sector de accão e lançar mãos á obra. Deve evitar que inconfessaveis preconceitos delimitem a larguezza espiritual desse gesto.

Os que teem feito a vanguarda do heroico movimento do nosso resurgimento cada vez mais se dispõem ás intempéries da missão.

O terreno nacional foi esplendidamente re-

volvido. E as bençãos dos nossos antepassados immortaes lhe fecundam os sulcos. Essas régas de honra e de gloria, hoje, infiltram-se até nas mais secretas potencialidades do paiz.

E' preciso agora que a maioria desviada venha cooperar na construcção soberba. Torna se inadmissivel a sua impatriotica indifferença. E' um crime a sua inercia perniciosa.

Não são mais os *jovens turcos* quem o dizem. As vozes dos *visionarios* não são as que se ouvem. E' a propria Nação quem o exige.

Mario Travassos.

Um exame de esquadrão na Alemanha

Do meu livro de notas quando commandado no Exercito Allemão.

Ohlau, 15 de Maio de 1912.

8 horas e 15 da manhã — O esquadrão formado em columna de pelotões, rigorosamente alinhados; os cavalleiros das segundas fileiras collocados perfeitamente á retaguarda dos respectivos chefes de fila; os commandantes de pelotões correctamente postos á frente de suas unidades, a um metro do centro; todos os cavallos com o eixo normal á frente do esquadrão; o capitão a 30 passos á esquerda da columna, correspondendo ao meio. Lanças perfiladas; officiaes com as espadas desembainhadas. Immobilidade completa.

Ao approximar-se o general (1) o capitão commanda — “Olhar á direita!” — e galopa ao seu encontro, abatendo a espada e comunicando em voz alta: — 5º esquadrão do 4º regimento de hussares, para a inspecção” — ao que o general agradece fazendo continencia. Chegando junto á tropa, o general dá o tradicional — “bom dia hussares” — que o esquadrão responde a uma voz, gritando: — “bom dia, Exa.”

Começa então a inspecção por um rigoroso exame da posição dos cavalleiros, attitude e estado dos cavallos e uniforme da tropa (2). Quando o general chega á frente de cada pelotão os hussares olham-no fixamente, com a cabeça levantada, volvendo-a á proporção que elle se move

(1) O general commandante do corpo de exercito passa revista de exame (inspecção de esquadrão) geralmente a dous ou tres esquadrões de cada regimento, á sua escolha, deixando os outros a cargo do commandante da brigada de cavallaria. Os generaes commandantes da divisão de infantaria e brigada de cavallaria, de que faz parte o regimento, assistem a essas inspecções.

(2) Para as inspecções a tropa forma geralmente com a 2ª ou 3ª collecção.

e dirigindo o olhar novamente em frente, immoveis, quando elle passa á retaguarda. Algumas observações sobre um ou outro defalhe, e o general, diz ao capitão: — “O Snr. tem vinte minutos para apresentar o seu esquadrão.”

O capitão, depois de commandar: — “Lanças sobre a perna” (3), — ao que os officiaes embainham espadas, colloca-se á testa do esquadrão, com a mesma frente que elle. Silencio absoluto.

O capitão levanta o braço direito verticalmente e avança a passo; a um só tempo todo o esquadrão põe-se em marcha, seguindo seu chefe. Ao gesto de erger varias vezes o braço, o esquadrão trota á retaguarda de seu capitão. A um momento este extende o braço direito horizontalmente para a frente e abandona a testa da columna; a tropa continua na direcção indicada. E assim commandado a signaes, o esquadrão percorre a extensa praça de exercicios em todos os sentidos, mudando de direcção á direita e á esquerda, ora a trote, ora a galope, até que o capitão, tomando novamente a testa, levanta o braço direito verticalmente e descreve com a mão varios circulos acima da cabeça; o esquadrão forma-se rapidamente em batalha (desenvolvimento em leque), e como seu chefe galopa, toda a tropa toma esta andadura. O capitão desembainha a espada, no que é imitado por todos os officiaes e pelo primeiro sargento, e alonga o galope; os hussares calam lanças (preparar para a carga) e seguem em galope largo o seu commandante. A um *hurra* do capitão, que os hussares repetem trez vezes, todo o esquadrão se lança em carga contra uma bandeirola branca que surgiu no campo.

Ao se dar o choque com o supposto esquadrão inimigo, o capitão commanda: — “Para o combate individual, fóra de forma!”; os cavalleiros, abandonando a formatura, simulam o combate singular com a lança. Uma segunda bandeirola branca surge no campo de exercicios, pelá frente — é um outro esquadrão inimigo, em au-

(3) Posição da lança de que não temos correspontente no nosso regulamento. A lança fica no sentido longitudinal do cavallo, ponta para a frente; segura pelo punho, a mão em posição directa, apoiada no meio da coxa direita.

Bôa posição para evoluções e marchas de approximação para o combate, pois com o ser commoda e segura facilita o “preparar para a carga.” Podíamos adoptal-a com a denominacão de — “descançar lanças”.

xilio ao primeiro. O commandante do esquadrão dá um signal de apito e galopa em retirada, levantando a espada; todo o esquadrão retira, formando-se os pelotões á retaguarda dos respectivos commandantes.

O capitão, apontando com a espada, commanda: — “Em direcção á arvore grande, no centro do bosque; columna de pelotões, 3º, 2º, 1º e 4º pelotões!” — E assim se refaz a columna, que no extremo oposto do campo faz alto. Depois de alinhado o esquadrão, cada cavalleiro tendo retomado seu lugar na formatura, começam as evoluções dirigidas a vozes de comando. São feitas conversões, mudanças de direcção, desenvolvimentos e rupturas, passagens de uma andadura a outra, marchas em direcções determinadas, com objectivo fixo e saltos de obstaculos em columna e em batalha.

O general não perde um só detalhe, acompanhando sempre o esquadrão, ora galopando na sua frente para depois, parado, observar a execução de um movimento, ora deixando-se ficar á retaguarda, ou em uma das alas, para constatar a direcção de marcha, a regularidade das andaduras, o alinhamento e a conducta dos cavalleiros nas diferentes evoluções.

Em seguida são dados pelo commandante do regimento quatro themes de combate a cavallo e a pé, comprehendendo os casos de ataque a infantaria, cavallaria, artilharia e metralhadoras, figuradas no campo de exercicios por bandeirolas de cores differentes.

Esses themes suppõem situações tacticas simples em que o papel do esquadrão é perfeitamente assignalado. Esta parte da inspecção é destinada ao exame das qualidades pessoaes do capitão como chefe de cavallaria. O general tem occasião de apreciar seus conhecimentos tacticos e o modo por que elle orientou a preparação de sua tropa.

Para encerrar a inspecção o general assiste aos exercicios de lança contra alvos fixos (*carrière*), realizados pelos pelotões com os seus subalternos á frente.

A's 11 horas e meia o general dava-se por satisfeito e chamava os officiaes para a critica.

Critica do general commandante da brigada de cavallaria — “De um modo geral, vos posso dizer, o esquadrão agradou-me. O Sr. capitão mostrou que apro-

veitou bem as quatro semanas reservadas a esta parte da instrucção.

“Quando manifesto assim a bôa impressão causada pela inspecção de hoje, não quer isto dizer que não haja reparos a fazer. Infelizmente na pratica da nossa profissão a perfeição só é attingida á custa de muito corrigir.

“Nunca se sabe demais para commandar; ha sempre para os caprichosos coussas novas a aprender.

“Nas evoluções os commandantes de pelotões conservaram sempre seus logares regulamentares. Este pequeno detalhe é de maxima importancia, não só pelo bom aspecto que o esquadrão apresenta, como principalmente pela correcção, que d'ahi resulta, nos movimentos dos pelotões. Isto ligado á despreoccupação de corrigir os soldados em fórmula, constitue a base da precisão nas evoluções. O esquadrão não é um agglomerado de homens a cavallo; é um grupo de unidades, um conjunto de pelotões; e as evoluções se fazem pela articulação destas sub-unidades. A autonomia dos pelotões subsiste, pois, no esquadrão. Elles se movem ligados invariavelmente a seus chefes, aos quaes cabe assegurar a direcção de marcha, a regularidade das andaduras e cadencias, e as distancias, para que o esquadrão não perca a indispensavel cohesão nas evoluções.

“Sem duvida a conservação das distancias e do alinhamento concorre para a uniformidade dos movimentos. Mas o regulamento diz: “Quando se tem perdido o alinhamento (ou as distancias) deve-se retomal-o aos poucos”; quer dizer, sem perder a andadura — a passo si se está a passo, a trote si se está a trote, a galope si se está a galope — Si, portanto, para conservar a andadura alonga-se ou encurta-se uma distancia, ou perde-se por um momento o desejado alinhamento, a falta é menos grave que deter-se ou precipitar-se numa andadura desordenada, que além de tudo molesta os cavallos.

“E' sempre preferivel diminuir ou mesmo sacrificar a distancia para evitar uma mudança brusca de andadura.

“O Sr. capitão deixava-se frequentemente afastar de mais de sua tropa. Em marcha de approximação para o combate isto se torna ás vezes necessario, mas é preciso que elle tenha antes o cuidado de assignalar a seu esquadrão a direcção de marcha referindo-se a accidentes do terreno.

"Das evoluções da cavallaria o desenvolvimento em batalha é a mais importante, porque elle tem lugar muitas vezes deante do inimigo. E' necessario, portanto, que o esquadrão esteja sempre em condições de passar rapidamente á formação em duas fileiras e que nesta formação acompanhe seu chefe, não importa em que andadura.

"Nunca é demais insistir na obtenção da maxima rapidez nesta evolução. Cabe aos commandantes de pelotões, pela bôa direcção dada aos seus pelotões, evitar que a linha de batalha apresente intervallos. Eu friso este ponto, porque a força do esquadrão reside em sua cohesão.

"As evoluções a galope só se justificam pela necessidade de apresentar rapidamente o esquadrão em uma formação determinada. Ellas só devem ser praticadas no que fôr applicavel no campo de combate; a necessidade de poupar as forças dos cavallos intervém ahí. Eu não vejo, por exemplo, explicação para as meias-voltas a galope, que o esquadrão repetiu duas vezes. Esta evolução, de difficult execução, só excepcionalmente encontra applicação em combate: ella fatiga extraordinariamente os cavallos e prejudica a cohesão do esquadrão. (1)

"A carga constitue o coroamento da instrucção equestre. O esquadrão deve estar preparado para executal-a em qualquer formação, em ordem unida ou dispersa. E' preciso mais que elle possa reformar promptamente, embora com os elementos invertidos, uma linha em duas fileiras susceptivel de evoluir.

"As condições primordiaes para o bom exito da carga são um galope calmo e seguro e que uma vez chegado em face ao inimigo a tropa fixe sua attenção no seu chefe. Será necessario ás vezes que o esquadrão execute, durante o galope em linha, mudanças de direcção.

"Na perseguição não deve haver outra

(1) A meia volta faz-se, segundo o R. E. C. Allemão, por conversões dos pelotões. O regulamento distingue conversão (*Schwenkung*) e mudança de direcção (*Drehung*). A primeira é a mudança de frente a peão fixo, a cadencia sendo conservada pela ala exterior. A segunda é a mesma evolução a peão movente, o centro conservando a cadencia. Na conversão toma se o contacto do lado interior e o alinhamento do exterior; na mudança de direcção, tanto o contacto como o alinhamento são tomados pelo centro. O nosso R. E. C. distingue estas duas noções, mas não as define tão precisamente.

preocupação que alcançar o inimigo, cada cavalleiro procurando pôr fóra de combate o maior numero possivel de combatentes. O alinhamento, a ordem, e mesmo a cohesão, passarão a plano secundario.

"Contra infantaria, artilharia e metralhadoras, o esquadrão procura assegurar o successo pela surpresa e pelo ataque de flanco. De frente, é preciso abordar o inimigo com a maior rapidez possivel, porque a velocidade é ainda o melhor meio de atravessar a zona de fogo. Eu vos lembro aqui que o successo não está perfeitamente assegurado quando os lanceiros attingem e subjugam a bateria inimiga ou a linha de metralhadoras; á retaguarda dellas ha ainda forças a bater, que podem, uma vez esquecidas, fazer ver o reverso da medalha. No ataque á bateria figurada, no segundo thema, o esquadrão deteve-se na linha das boccas de fogo.

"Igualmente, numa carga contra cavallaria a pé, deve-se procurar os cavalos de mão.

"Com relação ao combate a pé, eu vos devo referir aqui o conceito de um mestre que dizia: "Hoje, com as missões que podem caber á cavallaria, o cavalleiro que souber unicamente manejar as armas a cavallo, valerá para o combate sómente meio soldado." A preparação da tropa de cavallaria deve pôl-a em condições de conduzir um perfeito combate pelo fogo; e os officiaes não terão sua instrucção tactica completa si não conhecem as particularidades do combate de infantaria. Não é suficiente estudar cuidadosamente o regulamento da arma; é preciso ler tambem a II parte do regulamento de infantaria. (1) Isto no que diz respeito a conhecimentos tacticos, porque para a missão estrategica as exigencias vão mais longe.

"No que concerne propriamente á cavallaria, ha duas questões importantes — a collocação dos cavalos de mão e a ruptura do combate. Notei, neste particular, o desejo do Sr. capitão de mostrar tudo que seus soldados aprenderam, sem procurar ligar suas disposições tacticas ás hypotheses feitas. Não será assim na realidade, em que a escolha dos meios a empregar depende de circumstancias variaveis.

"Não se faz appear, por exemplo, á vontade, metade ou dois terços do esquadrão. Isto é subordinado á necessidade de levar maior ou menor numero de carabi-

(1) A parte que trata do combate.

nas á linha de fogo e á mobilidade que se precisa dar aos cavallos de mão.

"Por ultimo algumas palavras sobre o trabalho de lanças. E' uma exigencia acertada do regulamento determinar que ao lado da instrucção tactica do esquadrão tenham logar exercícios de lança para aperfeiçoar o seu manejo, pois na carga, uma vez estabelecido o entrevero, a habilidade dos cavaleiros em conduzir seus cavallos e manejar as lanças decide o successo. Pelos resultados dos exercícios feitos vê-se que esta parte da instrucção não foi descurada; os soldados desferiram os golpes com desembaraço e acertaram nos alvos. Sómente ha um reparo a fazer — os alvos não apresentavam resistencia aos golpes. — Não é este, Srs., o caso real, onde além de moveis, os alvos apresentam resistencia á penetração.

"São estas, meus senhores, as observações que a inspecção de hoje me sugeriu. Ellas visam corrigir os erros por mim notados, que estou certo desaparecerão para o anno vindouro. Eu confio para isso na capacidade de trabalho dos Srs. officiaes do 5º esquadrão, que tem sabido sempre honrar as tradições dos hussares."

1º Tenente *Euclydes de O. Figueiredo.*

NUCLEOS DE INSTRUÇÃO

II

Cumprindo nossa promessa, estudemos a organisação de um *nucleo de instrucção* para a arma de Artilharia e façamol-o sob o aspecto mais economico, por ser tambem o mais compativel com a época.

O nucleo compor-se-á de dois orgãos: um productor dos inferiores e graduados do Regimento, Grupo ou Batalhão e outro tendo por função preparar a massa dos homens — soldados — indispensaveis para organisação, mobilisação e reserva da unidade considerada.

O primeiro orgão será uma *Secção* do corpo em preparação e terá o pessoal do quadro C, estabelecido pelo Decreto numero 11.499 de Fevereiro de 1915, aumentado com os homens que o mesmo quadro fixa para os serviços auxiliares de um bateria nas letras A, B, C, D e E; ao todo, 1 official e 41 praças.

Esta Secção terá sob sua guarda o material da unidade a que serve de nucleo,

ou, no minimo, o material de uma bateria e mais os 31 cavallos indispensaveis á tracção de quatro viaturas e montadas do official commandante da secção, dos quatro chefes de viaturas e dois clarins.

Esta sub-unidade, para corresponder perfeitamente ao seu fim — preparação de inferiores e graduados — precisa de condições especiaes que garantam um alistamento mais selecto e favoreçam a continuidade da instrucção, collocando-a acima de qualquer outro interesse. Por isso os voluntarios ou sorteados que se destinem ás Secções dos nucleos devem ter optima vista, saber ler e escrever correntemente e ter um definido pendor para a arma, alem das outras condições já estabelecidas para admissão no Exercito.

Aquelles que no correr da instrucção não revelarem essas qualidades a par da energia e correccão indispensaveis a um inferior ou graduado, serão imediatamente transferidos para outros corpos, onde a instrucção possa ser limitada á de soldados. Essas Secções não concorrem em serviço externo e reduzirão o interno á guarda do quartel e das cavallariças; terão todo o pessoal arranchedo, organizando este serviço, como o de faxinas, com 5 serventes civis contratados, que vestirão uniforme especial e serão pagos com economias do rancho e um auxilio do governo correspondente ao soldo de praça simples para cada servente.

O segundo orgão do nucleo poderá chamar-se — Escola de Reservistas de *tal unidade* — e será uma escola pratica, chefiada por um official subalterno que disporá de Segundos Tenentes ou Aspirantes para auxiliares e na razão de dois para cada centena de alumnos. O seu programma será o indicado para a instrucção geral e especial dos soldados no R. I. S. G., orientado conforme o guia peculiar á arma e o seu horario será estabelecido de modo a conciliar a instrucção com os interesses dos alumnos, tal como se dá nas sociedades de tiro actuaes.

Para o bom desenvolvimento do programma o curso será de dez mezes; nos estados de S. Paulo, Paraná, Santa Catharina e Rio Grande do Sul o curso se iniciará no dia 25 de Julho e terminará em 15 de Maio, sendo que os dias do ultimo meze serão consagrados a exames; nos demais estados da União o curso será iniciado em 1 de Abril e terminará em 31 de

Janeiro, sendo que a ultima quinzena deste mes será consagrada aos exames. Os dois meses em que a Escola de Reservistas está fechada, serão aproveitados para ferias dos seus instructores, de modo que cada um delles goze um mes e que á testa da Escola fique sempre um official. Este será encarregado da inscrição dos candidatos, que se abrirá, conforme os Estados, em 16 de Maio ou 1 de Fevereiro, e será encerrada com a matricula, nos dias de abertura dos cursos.

Os alumnos da Escola de Reservistas fardão-se-ão por conta propria, usarão o mesmo uniforme das praças do Exercito, tendo apenas como distintivo, uma granada de metal oxidado na gola, em substituição ao numero da unidade, o qual só poderão uzar depois de serem reservistas, serão submettidos a um exame de robustez como se fossem verificar praça, e prestarão, no acto da matricula, o compromisso de seguir á risca o regulamento da Escola.

A inscrição será facultada aos moços de mais de 16 annos e menos de 24, sendo que os menores apresentarão licença dos paes ou tutores, e, logo que seja efectuada a matricula, o alumno ficará isento do sorteio, isenção esta que será confirmada em definitivo com a approvação em exame, ou cessará inteiramente com o desligamento da Escola por qualquer infração do seu Regulamento.

Os instructores agirão sempre no sentido de despertar nos alumnos o gosto pela arma que estudam, entretanto, quando observarem que o seu esforço é improductivo, procurarão desenvolver a parte da instrucção que reconheceram mais em accordo com as suas tendencias e tornando-os uteis como soldados de outra arma, observal-os-ão até o exame, occasião em que a commissão examinadora poderá classifical-os como reservistas de qualquer outra arma e comunicar á unidade mais proxima para inclui-los como tal. Esta disposição tem por fim aproveitar um alumno que depois de ter uma instrucção geral satisfactoria, mostre pendor pelo tiro e instrucção de Infantaria ao mesmo tempo que seja imprestavel como conductor ou não tenha intelligencia para ser artilheiro capaz.

Deste modo não será perdido o esforço do instructor e o Exercito tambem adquirirá mais um reservista pontual, obediente e com instrucção que será, pelo

menos, igual á ministrada em as sociedades de tiro. O alumno que fôr reprovado nos exames, poderá repetir a sua inscrição si o director da Escola julgar conveniente, havendo recurso da solução deste para o commandante do nucleo.

Como elemento de ligação entre esses dois orgãos, harmonisando os interesses communs, tirando o maior partido possivel da sua conjugação e tendo as atribuições de commandante de Regimento, haverá o *commandante do nucleo*, que será um capitão da unidade a que se referir o nucleo. Os officiaes, commandante da Secção e director da Escola de Reservistas, terão as atribuições do posto de capitão.

O nucleo disporá de um medico e de um intendente.

Dentro das condições estabelecidas, o governo regulamentará todos os detalhes tendentes a garantir o exito desta organisação e a assegurar uma perfeita uniformidade de acção em todos os nucleos. Os commandantes designados, deverão ter sempre em vista que a ligação dos dois orgãos do nucleo e o seu auxilio reciproco, constituem o espirito fundamental da organisação que estudamos e a sua maior vantagem. Logo que as praças da secção iniciem as instruções especiaes de anspeçadas, cabos e sargentos, a Escola de Reservistas fornecerá alumnos convenientemente grupados para que aquellas praças apliquem o que apprenderam e adquiriram o indispensavel habito de commando, assim como, logo que a instrucção geral da Escola tenha terminado, a Secção facilitará o seu material com inferiores e graduados ou praças habilitadas, para que os alumnos adquiram os conhecimentos praticos necessarios e se habituem ao commando daquelles que mais de perto os dirigirão em campanha. Assim praças e alumnos conhecerão todo o mecanismo disciplinar e poderão attingir a um alto grão de instrucção. A habilidade de exercitar os dois orgãos do nucleo, tirando partido da sua ligação, será o padrão de destaque para os commandantes de nucleos.

Eis, em resumo, o modo que nos parece bem facil e pratico, para de momento sahirmos da situação precaria a que fomos levados pelas dificuldades da época.

Achamos que está fóra de duvida a possibilidade de constituirmos unidades efficientes pelo processo que indicámos. Entre



nós o seu principio já está adoptado no 20º Grupo de Montanha, no 5º Regimento de Artilharia Montada, nos Corpos de Trem e nos Regimentos de Infantaria de dois Batalhões. Em outros paizes, esse processo de economia feito sem o sacrificio da organisação da defesa, tem tido tanto emprego quanto resultado pratico.

O nosso trabalho consiste em tornar mais economica ainda a preparação dos reservistas e permitir a *organização progressiva* das unidades actualmente sem efectivo, vencendo de momento as difficultades cuja duração não conhecemos e estabelecendo como principio que todas as unidades existam constituidas, pelo menos, em suas cellulas. Com os nossos progressos financeiros, as cellulas multiplicar-se-ão facilmente e o nucleo será successivamente constituído por uma Bateria, por um Grupo de duas Baterias, por um Grupo normal de tres Baterias e por um Regimento de dois Grupos de duas Baterias, etc. Logo que o Regimento esteja organizado, a sua escola de reservistas passará a trabalhar para unidades da reserva ou será extinta.

Estamos convencidos de que organizando, no anno proximo, os nucleos de instrucção e escolhendo para as suas sédes os centros que permittam uma frequencia minima de cem alumnos em cada escola de reservistas, teremos, dentro de seis annos, elementos sufficientes para organizar em uma semana todas as unidades que se acham sem effectivo. Assim podremos com um pequeno dispendio, em Agosto ou Setembro de 1922, festejar o anniversario de nossa independencia com a remodelação completamente executada, ao mesmo tempo que diremos ao novo seculo alguma cousa da sua efficiencia militar inaugural.

Os nucleos de instrucção, applicaveis a qualquer arma, substituirão vantajosamente quaequer outros processos artificiales para preparação de reservistas, porque o alumno da escola de um nucleo frequenta a tropa, submette-se, quando fardado, á mesma disciplina que as praças, usa o mesmo uniforme e conhece pelo contacto diario aquelles que serão os seus sargentos e graduados num caso de mobilisação. No momento actual os nucleos têm a favor da sua organisação a existencia de um excesso de inferiores, que convenientemente escolhidos serviriam á sua constituição; a extincão dos destâ-

camentos existentes para guarda de material e que seriam logo substituidos pelos nucleos, a conveniencia de aplicar o sorteio para constituição de unidades novas, e o aproveitamento dos officiaes que o Congresso já tem pensado licenciar por dois annos, medida que importa em estabelecer, oficialmente, que o Exercito é unicamente um ponto de apoio para os *cavadores* e uma instituição cujos membros *adiantam* tanto estudando questões profissionaes, como contando grãos de areia... ou *cavando a vida* por fóra... Os nucleos constituem solução transitoria, mas bem necessaria, para quem conhece o espirito brazileiro e analysa o interesse com que os nossos legisladores atacam as questões referentes á defesa nacional. Não devemos esquecer que, se amanhã formos levados a uma guerra, por motivos quaequer, seremos considerados os unicos responsaveis pelas infelicidades patrias, como, de resto, já temos sido em questões de menor monta que se nutriram unicamente da falta de um protesto. O verdadeiro povo que vive tão alheio ás nossas difficultades em recursos como ás medidas governamentaes tendentes a corrigil-as, não poderá conter o seu impeto justificavel e com alguma razão atribuir-nos-á a mais tremenda das culpas, qual a de havermos, pela nossa incapacidade, proporcionado o esphachelamento de nossa Patria.

Nesse momento elle esquecerá que os governos alimentaram e consentiram a politica e o positivismo dentro das organisações armadas; que sob a capa de uma falsa democracia vivemos destruindo o espirito militar e usando um recrutamento improprio e pernicioso; que á mingua de fé e coragem moral fomos levados ao ponto de descrer das leis e regulamentos; que os nossos brados de protesto contra a exiguidade de recursos e defeitos organicos, eram considerados como simples manifestações de interesses mesquinhos.

Ahi pesará então, não sobre os hombros dos verdadeiros responsaveis, mas sobre o nosso tumulo de infelizes vencidos, a apodrecer-nos a honra e a memoria, o tristissimo julgamento — *não estiveram na altura de sua missão, não cumpriram o seu dever — a Patria os amaldiçoe!*

Voltaremos ainda ao assumpto calculando a despeza necessaria á organisação dos nucleos e indicando o meio de consti-

tuil-os dentro das verbas e effectivos votados.

Seria muito para desejar que o Congresso estabelecesse uma dotação para esse fim, pois trata-se de uma medida patriotica e economica, attendendo á sua productividade.

1º Tte. Pantaleão Pessoa

Sobre a Instrucción

Os que consagram os seus esforços á tropa e os que, em contacto com ella, acompanham com carinhoso interesse todos os passos da instrucción militar, sentem quão visíveis e accentuados são os progressos que de anno para anno se revelam no ensino profissional.

Posto que o nosso Exercito tenha, em seu passado, periodos brilhantes de instrucción militar, de acordo com o feitio e as idéas da época, é de seis annos este periodo aureo que, em ascensão gradual, veio subindo sob forte pressão a partir dos tenentes.

Por mais suspeitos e pretenciosos que possamos ser neste impertinente alarde—e nós aliás nos collocamos sinceramente de fóra; foram os primeiros postos da hierarchia que romperam contra a indifferença e o desprezo pelo preparamento militar.

Bem melhor seria, incontestavelmente, que se houvesse verificado uma marcha opposta, provindo a salutar reacção da «cabeça» e não começando sem ella, como é o caso presente.

Vem a pello, porém, relembrar a celeuma levantada quando, ha alguns annos, foi aventada a idéa de se contractar uma Grande Missão para o nosso Exercito.

O alvitre então morreu no nascedouro. Em quanto o Chile, o Perú, a Argentina e no proprio Brasil o progressista S. Paulo, contractavam profissionaes competentes, formados nessas aperfeiçoadissimas escolas que são os exercitos europeus, nós, *superiormente*, repelliamos a affrontosa idéa de se sujeitarem officiaes nossos a aprender com estrangeiros!

Si naquelle época, entretanto, a nossa susceptibilidade patriotica não se consumisse em zelos que absolutamente nada produziram e nos detivessemos a examinar os extraordinarios progressos introduzidos na organisação chilena pela missão Körner; si ouvissemos as palavras inspiradas de

nossos pregoeiroes como os argentinos ouviram as de Richieri, Andréa e outros, nosso Exercito certamente estaria hoje em grande destaque.

Teríamos começado por organizar o nosso Estado Maior. (Por emquanto só o temos reorganizado).

Felizmente, da memorável agitação nem tudo se perdeu. A despeito de se haver commettido a incumbencia apenas a officiaes subalternos e máo grado o pouco rigor que ás vezes presidio á escolha, nosso Exercito patentea hoje, em provas exhuberantes, a beneficia influencia exercida pela experientia europea.

A ida desses officiaes á Allemanha foi sem duvida proveitosissima. Muito mais conveniente, porém, seria para a disciplina e muito mais pratico para o Exercito si ao envez de simples tenentes e capitães se houvesse enviado ao Exercito prussiano alguns officiaes mais graduados ou se houvesse de uma vez contractado uma grande Missão.

Esta marcha subversiva, como por ahí se falla, esta accão revolucionaria dos pequenos postos sobre as altas patentes foi projectada, pois, pelas proprias autoridades. Quíz a Providencia que os males que isso acarretou para a ordem, para a disciplina, fossem vantajosamente compensados pelos progressos que começam a elevar o Exercito.

Vale a pena a propósito, fazer aqui um pouco de *historia antiga*. A Historia é a grande mestra dos que não desdenham a experientia dos factos nem se entrincheiram em invulneravel obstinação.

* *

Quem se disporer a lançar um olhar retrospectivo para a instrucción militar, neste periodo a que nos reportamos, verificará certamente que, de então para cá, nesta guarnição, de anno para anno melhores aspectos foram assumindo os corpos de tropa e novos horizontes se descontinaram ao ensino.

Lembramo-nos ainda da cara que alguns capitães franziam então aos seus subalternos quando estes, procurando heroicamente iniciar rudes analphabetos nos segredos da nomenclatura ou na difficult sciencia do goniometro ou da alça do fusil, «matavam de trabalho os pobres homens já fatigados com o serviço de guarnição.»

Pobres homens fatigados! A' noite, enriqueciam elles as chronicas policiaes e no dia subsequente atulhavam as cellulias

e o xadrez dos corpos com a mesma despreocupação e inconsciencia com que montavam uma guarda ou faziam um plantão.

Lembramo-nos ainda, no anno seguinte, da phisionomia contrafeita de alguns maiores, francaamente hostis ao que chamaavam de «innovações» e ouvindo impas-siveis as lamurias dos capitães, quando estes balbuciavam timidos queixumes contra a penuria dos effectivos, a sobrecarga das faxinas e a incessante designação de homens seus para os absorventes empregos externos.

O anno que se seguiu encontrou os maiores advogando os interesses de suas unidades. Já se fallava em concursos e na exhibição de trabalhos espontaneamente produzidos.

Comtudo, era um facto ainda a rebeldia aos regulamentos e ai! de quem, mesmo entre os seus pares, ousasse externar uma justa e sincera opinião sobre o mau caminho seguido!

Havia capitães que preferiam os regulamentos francezes aos alemães, outros eram irredutivelmente japonezes; mas a grande maioria procurava gosar da liberdade franca de não seguir nenhum.

Um facto mesmo desperta uma triste reminiscencia. Quando um Inspector de Região — o general Souza Aguiar, de saudosa memoria, tentou estabelecer a obrigatoriedade da equitação entre os capitães e subalternos, houve quem enveredasse pela redacção dos jornaes a solicitar a protecção de um «*snr. redactor*», contra o attentado á liberdade que tinha um official de não querer montar a cavallo.

Nessa época, as faxinas já constituiam um flagello aos olhos dos commandantes de grupos e de batalhões e as patrulhas policiaes eram francaamente detestadas.

Foi quando os coroneis passaram a presidir á instrucção em seus corpos que os periodos normaes melhor se definiram e mudou de feição o ensino na tropa.

Ao trabalho d'antes espontaneo e á mercê da boa vontade ocasional da officialidade, sucedeu a obrigatoriedade aliás indirectamente imposta pelas provas individuaes nos exames de recrutas e praças promptas ou nos concursos de graduados.

Havia agora accentuado ardor entre os capitães e dedicado interesse entre os maiores. O tiro na infantaria produzia campeões. Com os subalternos, era empenhado

anhelo destacar-se entre os seus pares como esforçado instructor.

Comtudo, o arbitrio predominava sobre os regulamentos e os exames de batalhão eram ainda menos vantajosos do que prejudiciaes.

Hoje é altamente honroso para a tropa sentir o contacto mais directo de seus generaes. Interessa-lhe vivamente saber o que pensam, o que dizem, o que pretendem fazer, respeito a um efficiente preparo para a guerra.

Laços mais estreitos ligam os subordinados aos chefe da grande familia militar. Em suas mãos estão a sorte e a honra de milhares de homens e quiçá os destinos de toda a Nação.

Participando do intenso progredir, as inspecções pouco a pouco deixam de ser uma prosaica somma de quantidades heterogeneas, — pesquisa postuma de responsabilidades nos irreprehensíveis livros do *conselho economico*—e se deslocam para os boletins de tiro, para as provas vivas do trabalho da caserna e para os campos de exercicios.

E a reacção do alto para o baixo começou desde então a se fazer sentir.

* *

Mas esta marcha ascendente que ligeiramente assignalamos nos seus topicos principaes, é um caminhar lento, fluctuante e incerto em seus resultados.

Tem-se a sensação, no seio do Exercito, de que todos os esforços para eleval-o no conceito nacional agitam-se desordenados, tumultuariamente.

Si é verdade que, do official subalterno ao official general, todos se acham capacitados da necessidade da instrucção e uma verdadeira monomania se haja mesmo apoderado de muitos officiaes, é indiscutivel que ainda domina a maior anarchia nos habitos de ensino e nas normas de direcção.

Não fosse o receio de sermos taxados aqui de exagerados e nós diríamos que o nosso Exercito possue pessoal, cavallos, canhões, material, esforços dedicados, intelligencia e perseverança. Simplesmente não possue instrucção.

E' que os esforços não se coodenam, não se harmonisam nem se encadeiam.

Que vemos ainda no presente anno? Exames de companhias em fins de Setembro, nas vesperas das grandes manobras, e estes exames, se bem que muito supe-

riores aos do anno passado, ainda abaixo de uma prova final.

Inquiria-se entretanto dos officiaes arregimentados, qual a razão de não corresponder o grão de instrucção da tropa ao tempo despendido e ao trabalho exhaustivo de que tanto alarde se faz.

Elles dirão em resumo :

Começamos a instrucção com alguns homens, que poucos meses após deram baixa. Recomeçamos com outros e continuamente vemos caras novas que funcionam a *eclipse* nos meses de instrucção. São homens que dobram em serviços e não podem comparecer com regularidade: instruem-se nas horas vagas. Ha guardas que absorvem por dia 50 praças! Um mappa que assignalasse a frequencia destes homens nos exercícios e aulas forneceria um caprichoso diagramma.

Mas a instrucção, bem ou mal, prosegue o seu curso. Eis, porém, surge o 7 de Setembro e é preciso attender aos ensaios da marcha em continencia no Campo de S. Christovão. A ordem unida sobrepuja agora a ordem aberta, que por algum tempo é preciso pôr de lado.

Iniciamos então o treinamento para a grande parada. E' o treinamento da miseria creadora. Ha companhias que não têm subalternos e ha capitães que não têm companhias. Duas esquadras chamam-se um pelotão, quatro esquadras... uma companhia. As unidades de metralhadoras veem-se forçadas tambem a modificar a ordem de batalha e o batalhão de engenheiros crê uma formação para si. A artilharia faz prodígios com os seus heroicos cavallos e a nobre arma de cavallaria procura fingir, na carga, que se affez nos pampas e não apenas em um pequeno pateo de quartel.

Terminada a parada, recomeça a faina para os exames das companhias, baterias e esquadrões.

As manobras, porém, batem á porta.

Esquivamo-nos de fallar aqui nestas manobras.

Quando nos dispozemos a traçar as presentes linhas sobre a instrucção, moveu-nos o desejo de transmittir commentarios e ponderações que no seio da tropa se fazem ouvir num bem intencionado anseio de aperfeiçoamento.

E' principalmente sobre os exames que nos queremos deter agora.

A instrucção na tropa attingiu a um

tal grau de intensidade e o Exercito assumiu perante a Nação uma responsabilidade tão grande, que certas tolerancias e certas transigencias nas inspecções e nos exames não se quadram mais com o espirito reiante.

Não deveremos fazer exames por mera formalidade ou para ficarmos bem com a nossa consciencia. Tão pouco os precisariam fazer para mostrar que os nossos homens sabem evoluir na ordem unida, desenvolver-se na ordem aberta, executar rapidos accionamentos, preparar um mostruario de trabalhos de sapa, conhecer a nomenclatura do arreiamento ou em quantas partes se divide o cavallo. Este poderá ser o nosso orgulho de instructores; mas não é ainda o nosso dever de patriotas.

Toda a nossa preocupação deverá ser a de preparamos homens para a guerra, afim de que o nosso paiz, no momento preciso, possa impôr a sua vontade ao inimigo.

E' minha convicção que os exames e inspecções seriam realmente muito proveitosos se as autoridades descessem a esmiuçar detalhes. Assim encaminhados, os exames reagiriam efficazmente sobre a instrucção individual como sobre a de conjunto. Ha profundas desharmonias até no manejo d'armas!

Em geral, em taes provas, na parte tactica, contentam-se as autoridades em apreciar o delineamento dado pelos officiaes, simples esboço do que elles realmente teriam que fazer.

Ora, se os nossos regulamentos põem em relevo que *na guerra só produz resultados o que é simples*, não menos accentúam sob o mesmo espirito, que *a boa execução exige perfeição nos detalhes*.

Lembrem-se os nossos chefes que não os exigir é despresal-os. A lei do menor esforço é em geral má conselheira.

Examinar as pequenas unidades é então descer a minudencias e contribuir poderosamente para dar incremento aos topicos fundamentaes da instrucção.

Mas... por muito que se afanem os officiaes durante o anno, por mais assiduos e harmonicos que sejam os esforços pessoas dos instructores e por maior que seja a solicitude dos nossos generaes, os destinos da instrucção vogarão sem consistencia á mercê da boa vontade ocasional ou das vicissitudes do momento, em-

quanto o Estado Maior não passar a presidil-os.

Cerebro creador, garantia da continuidade no ensino e da convergencia nas idéas e acções, severo rectificador de nossas tendencias aberrantes, o grande orgão, após a phase espontanea do renascimento militar, volta a ser o nosso problema culminante.

Urge organisal-o. Pensar, sem elle, no engrandecimento do Exercito, é pensar nos fins sem cogitar dos meios...

"sua distanza vuol volar senz'ali."

Pompeu Cavalcanti.

SERVIÇO DE GUARNIÇÃO

Os novos regulamentos vão, pouco a pouco, estirpando velhas praxes que persistiam mais pela inercia do que pela utilidade. Conservar o que é bom e desprezar o que não tem razão de ser é uma maneira de evoluir sem os graves inconvenientes das bruscas transformações. Todavia a arraigada tradição ainda favorece a existencia de certos serviços considerados outrora como transcendentes.

Quero referir-me ao serviço de guarnição. Certo, já estivemos muito longe de reduzil-o ao extictamente indispensavel. Não vae recuado o tempo em que a principal missão da tropa era montar guarda, rondar, patrulhar, etc.

Um jovem consumia no minimo meia duzia de annos estudando com afinco as disciplinas mais elevadas para, no final das contas, *deitar* seus conhecimentos scientificos nas camas pouco asseadas dos corpos de guarda, roido pelo tédio e pelos *persevejos*, moral relaxado ao extremo da descrença pelo falseamento de uma missão que sonhava nobilitante.

Era esse talvez o principal motivo que levava os jovens officiaes a se afastarem da tropa. O quartel que deveria ser uma escola era, na realidade, uma fabrica de inercia. A instrucção nulla ou parcimoniosa e desordenada era confiada a um instructor geral que sempre via a sua acção, já de si insuficiente, entravada por uma serie de obstaculos, dos quaes o menor era a entrada de recrutas durante todo o anno! Os outros officiaes se assoberbavam com o serviço de guarnição.

Só ha pouco tempo um ministro conseguiu desvencilhar o exercito das guardas

do thesouro, casa da moeda, alfandega, correio e amortiseração. Foi um passo extraordinario, mas não se acabou por completo com o anachronismo. Como lembrança do velho exercito de omnimodos tempos ainda ahí permanecem uns tantos serviços externos cuja suppressão seria de real utilidade.

O meu regimento, por exemplo, cujo effectivo já de si redusido está desfalcado por inumeras baixas, duas semanas por mez não pôde dar instrucção aos seus homens ou o faz de uma maneira incompleta. Pela escala de serviços contam-se: guarda do ministerio, hospital e quartel, rondas do arsenal e administração, patrulha da Villa Militar, extraordinários e promptidão. Dois batalhões — um que sahe e outro que entra de guarnição — têm a sua instrucção quasi inteiramente paralysada.

No entanto com um pouco de desamor á tradição injustificavel poder-se-á suprimir alguns serviços e reduzir ao mais simples outros. Mantida a guarda de pessoa do Chefe de Estado, a do ministerio reduzida a um terço, a do hospital central composta apenas de um cabo e tres soldados para a prisão, e as outras supprimidas por completo, não causariam prejuizo ás repartições e aliviariam a tropa desse *far niente* proprio para exercitos que não trabalham proficuamente. A exemplo do que faz a fabrica de cartuchos do Realengo, a vigilancia do arsenal e do departamento de administração pôde e deve, á noite, ser confiada aos seus proprios empregados, sem que dahi venha accrescimo de despesa. Com o numero de empregados desses estabelecimentos não será pesada a escala de turmas para a ronda, serviço que pôde ser fiscalizado, tambem por escala, pelos inumeros officiaes que servem nesses estabelecimentos.

Com a extinção do exercito profissional, o tempo que o cidadão passa sob a bandeira deve ser consagrado inteiramente ao seu preparo militar. O sorteio exclue por completo esses serviços, bem como obriga a uma reducção nos multiplos empregos actuaes. Não é absolutamente admisivel que um jovem venha para a caserna montar guarda a estabelecimentos publicos ou servir de ordenança.

Com a restricção dos engajamentos, idéa que deve ser posta em practica sem sophismas, claro está que a permanencia nas fileiras se limitará ao tempo necessário ao adextramento do soldado. Mesmo

que os voluntarios bastem para completar os claros, não deverão elles ser distraídos do quartel, afim de que, após os seus dois annos de praça, sejam incorporados á reserva como reservistas de facto, e não apenas de... *caderneta*.

Resalta portanto a necessidade inadiável da criação de um corpo de guarda, uma especie de companhia de estabelecimento ampliada, ao qual fiquem afectos inteiramente os serviços de guarnição e ordenanças, com o seu pessoal engajado e reengajado proveniente de outros corpos, e aos quaes se exigirão qualidades mais em accordo com a missão, e com uma officialidade que se revezará cada anno. Seria um corpo com um fim todo especial, podendo a sua instrucção ser mesmo limitada a ir mantendo os conhecimentos anteriormente adquiridos nos corpos de tropa de origem.

Pondo em prática uma tal medida aqui no Rio, aliviariam os nossos regimentos e caçadores de um estafantíssimo serviço, que só se recommenda aos que preferem as duas horas de sentinella ao campo de manobra. E, se quizermos fazer obra completa, suprimamos de vez não só as guardas como tambem uma infinidade de outros serviços sem nenhum valor pratico e que só se mantêm pela tradição. O superior de dia, as rondas, as multiplas commissões e conselhos, as guardas de honra e os funeraes pôdem perfeitamente desaparecer ou ser simplificados sem que com isso soffra a efficiencia do Exercito.

Se presentemente as exigencias da caserna não são de todo absorventes, sel-o-ão em breve, quando cada dia em que o soldado deixe de receber sua lição represente um prejuizo ao seu preparo. Eliminemos o que for inutil e demos ao Exercito o caracter exclusivamente technico que deve ter.

2º tenente R. M. Burlamaqui.

A doutrina e os processos de Exercicio

(Hans von Below)

Quarto exercicio de companhia (*)

(Exercicio tactico em ordem unida: 3 phases de ensino)

Preparação do exercicio: Uma companhia (a 2^a), dispondo de efectivo, marcha a 100 m. de uma bandeira (a 1^a companhia); 100 m. atraç da 2^a companhia mar-

cha outra bandeira (a 3^a companhia) e a 100 m. desta, ainda outra bandeira, representando a 4^a companhia.

As bandeiras devem ser dirigidas por officiaes.

Primeira Phase — Chegado ao campo de exercicio, o chefe dá a seguinte ordem (desdobramento):

"1^a e 2^a companhias em primeira linha, a 2^a a 150 m. á esquerda da 1^a."

"Base a 1^a, na direcção daquella casa"

"3^a e 4^a seguem a 200 m., escalonadas nos flancos das companhias de 1^a linha, a 3^a á direita e a 4^a á esquerda."

Segunda Phase — Tomadas pelas companhias as disposições ordenadas, dá o commandante esta outra ordem:

"1^a companhia (R. E. I. n. 266) na direcção d'aquelle ponto do terreno (mostrando).

"3^a companhia, em 1^a linha. 1^a companhia, alto!"

Executadas as ordens, o commandante fará recomeçar a marcha, ordenando á companhia base que avance; logo depois, dará as seguintes informações á tropa em exercicio:

1^o) "Fogo de artilharia." E logo depois a 2^o) "Ataque de cavallaria contra a ala esquerda."

Suppõe-se agora que o batalhão é reserva do regimento e que a nossa linha de atiradores (que se indica no terreno á frente) obtém a superioridade de fogo.

Terceira Phase — O commandante ordena: "Avançar para o assalto naquella direcção" (mostrando).

Durante a marcha para o assalto, o commandante do batalhão avisará ao da companhia de supostas modificações, quanto ao que se passa na linha de atiradores.

O objecto é observar o assalto em ordem unida, até o momento final.

Quinto exercicio de companhia (*)

Preparação do exercicio: O inimigo, figurado por bandeiras, está em posição a 2000 m. do ponto onde o exercicio deve começar.

Ao attingir o ponto escolhido, o commandante communica á tropa a seguinte situação:

"O inimigo ocupa aquellas alturas (mostrando). A nossa artilharia está em combate com a artilharia contraria (supposta em determinado ponto). O nosso batalhão é a base, está enquadrado no centro da brigada e vae atacar."

(*) As tres phases deste exercicio estão representadas na fig. 13.

(*) Todas as phases deste exercicio estão representadas na fig. 14.

Em seguida, dá esta ordem:

"1.^a, 2.^a e 3.^a companhias em primeira linha. Base 1.^a."

"4.^a companhia como reserva, atraç do centro."

"Sectores de ataque: 2.^a companhia d'ali até lá; 1.^a á direita e 3.^a á esquerda da 2.^a"

Desde que o terreno não offereça abrigos, a 1000 m. communica-se á companhia que ella soffre grandes perdas.

O ataque será levado até ao assalto, dando-se de vez em quando suppostas noticias á companhia, exigidas pela representação do combate.

Critica.

Exercicios de batalhão

O commandante tem entre nós cerca de 28 dias á sua disposição (*); desses dias deixará um em cada semana aos capitães, para que elles possam corrigir as faltas que tenham notado em suas companhias, no decorrer dos exercícios de batalhão e accentuar a instrucção de **Escola**, por que são responsaveis. Como consequencia disso, o commandante de batalhão não intervirá nos trabalhos das companhias nesses dias.

Nos demais, os exercícios de batalhão devem ser feitos pela manhã, reservadas as tardes ás companhias, que, para evitar excessivas fadigas, devem trabalhar nos quartéis ou immediações, excepto se se trata de exercicio de tiro.

Ao commandante do batalhão bastariam 10 manhãs a seu dispôr.

A' primeira vista parece pouco, mas, de facto, não é assim, porque não devemos esquecer que o commandante de batalhão não vae dirigir os meticulosos trabalhos de **escola**, em que as companhias estão instruidas, depois de varios meses de preparação.

Neste periodo de exercicio, praticar-se-á o prescripto no R. E. I., numeros 255 a 268, o *Combate* (segunda parte do Regulamento) e o que da terceira parte se refere ao batalhão, que é o que diz respeito ás paradas.

Na primeira parte do R. E. I., numeros 255 e 268, não se trata de exercitar, á voz de commando, mudanças de formações em rigorosa cadencia. No batalhão, os commandos á viva voz constituem,

pelo n. 255 do Regulamento, verdadeira excepção; geralmente, os capitães recebem **ordens** e conduzem suas companhias ao ponto designado.

A regra é esta: os commandantes só devem commandar de viva voz por occasião das paradas. O toque de corneta, não regulamentar, mas de praxe, (*) não deve ser empregado no ambito do batalhão. Em parada occasiona enganos e confusões e nos exercícios infringe a letra do Regulamento, n. 255.

Considerando a importancia das exigencias regulamentares quanto ao combate e o objectivo **secundario** das "paradas", não vale a pena perder tempo praticando cousa tão sem valor. Não é mesmo necessário fazer exercícios de **desfilar**, (n. 529, R. E. I.), porque isso já é um exercicio de **escola**. No entanto, dando o desfile uma prova do estado da disciplina e treinamento de uma tropa, o commandante de batalhão deve fazer com que as companhias desfilem em formações quaesquer (columnas de esquadra, de pelotão, ou em linha) **depois das fadigas do exercicio** e antes de regressar ao quartel.

Não é necessário, pois, que isso se pratique em exercícios especiaes.

Si nessas occasões a tropa não desfila bem, isso quer dizer que ha deficiencia de instrucção ou disciplina, pelo que devem responder os capitães.

As prescripções de ns. 255 a 268, que são o objecto dos exercícios de batalhão, praticam-se no decorrer dos exercícios de combate, para o que os commandantes devem organizar seus themes, empregando-as convenientemente.

O thema comporta naturalmente uma hypothese, onde se define a nossa situação, bem como a do partido contrario, de accôrdo com a qual o batalhão pôde encontrar-se :

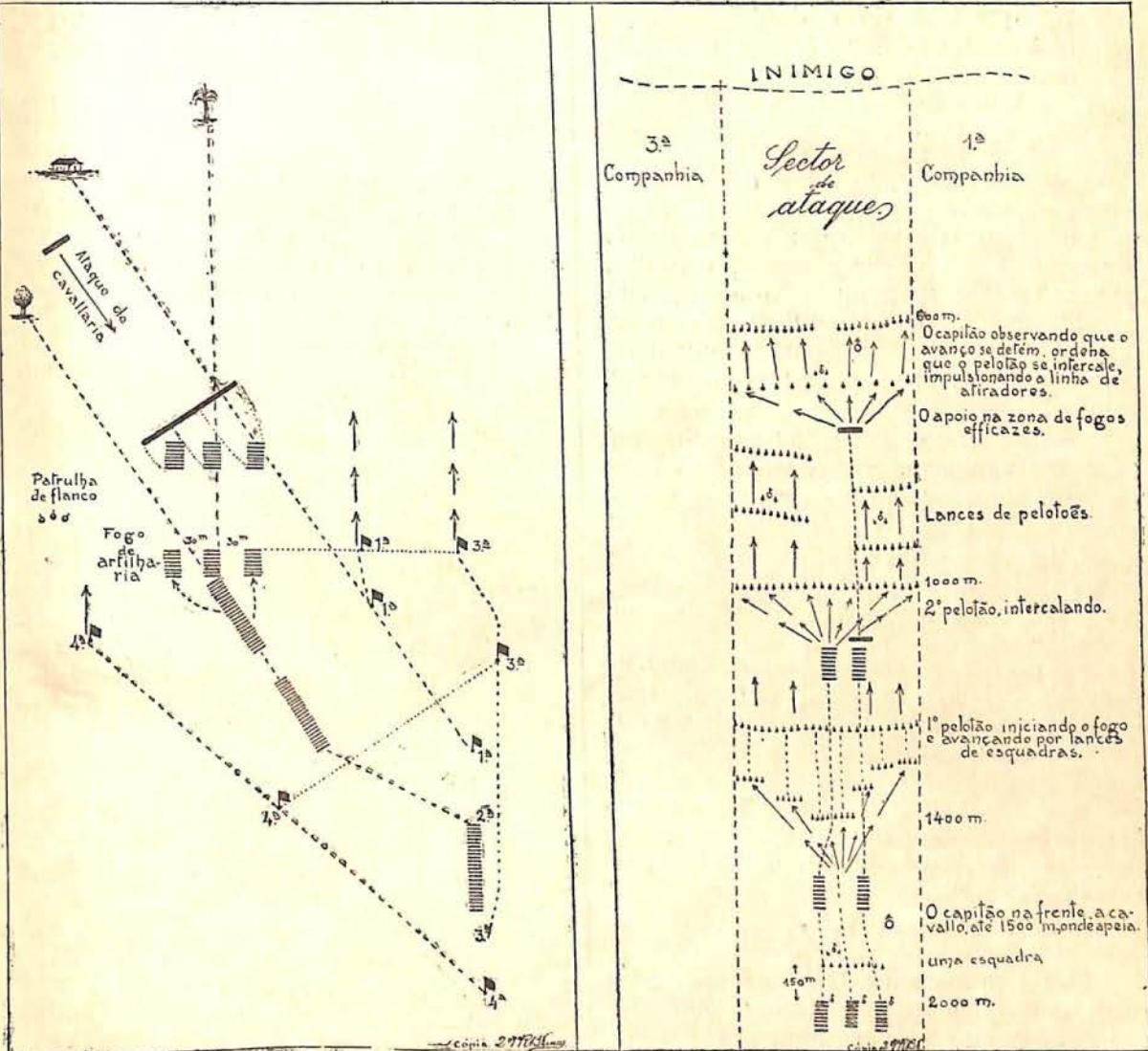
1. Como vanguarda.
2. Como retaguarda.
3. Como flanco-guarda.
4. No grosso de uma columna.
5. Isolado, numa missão qualquer.

Nos exercícios de batalhão, há 4 casos a serem praticados:

- a)* O combate isolado.
- b)* O combate enquadrado, isto é, com as duas alas apoiadas.
- c)* O combate com a direita apoiada.
- d)* O combate com a esquerda apoiada.

(*) Entre nós.

(*) Na Argentina, que adopta os regulamentos alemaes, apenas 15, dos quaes utilisa sómente 10.



Antes de entrar propriamente no combate, ha oportunidade para praticar o **aumento das frentes**, o **desdobramento** e o **desenvolvimento** (ns. 265, 343 R. E. I.), esgotando o prescripto na parte relativa ao exercicio de batalhão (ns. 255 a 268 R. E. I.). Entrando nos exercicios de combate, ha um campo vasto para exercitar os principios consagrados na 2^a parte do Regulamento. Propositalmente convem chamar de "principios" as prescrições dessa parte, afim de accentuar o espirito do Regulamento, que não admite schemas, mas exige a individualiseração do combate, segundo a situação, o terreno e o inimigo: **E' prohibido o exercicio de formas de combate consideradas como modelos** (R. E. I., n. 279).

Por essa razão, os commandantes de-

vem, nos exercícios de combate, deixar a seus subordinados a liberdade de acção que elles teriam em realidade, não intervindo quando na guerra fosse duvidosa ou impossivel essa intervenção. As faltas commetidas apparecerão na critica, podendo-se permitir que o interessado explique ligeiramente por que procedeu d'esta ou d'aquelle maneira.

Se reflectirmos sobre o emprego dos batalhões no campo de batalha, que é onde devemos procurar a decisão da guerra, concluiríremos que ali a maioria delles aparece enquadrada, isto é, no meio de linhas extensas e combatendo de frente. (n. 283 R. E. I.) Raramente os batalhões das alas enfiarão a frente inimiga. Um combate envolvente encontra em regra uma nova frente, porque o inimigo ha de lançar mão das

reservas que tenha atraç da ala ameaçada. A vantagem do ataque envolvente consiste na fraqueza da nova linha opposta pelo inimigo, que não deve ter a mesma resistencia que o centro, enquanto que o outro combate que se trava na ala, depois mesmo do envolvimento, não pôde deixar de vir a ser um novo combate de frente. E' por isso que, apezar dos aperfeiçoamentos das armas de fogo, precisamos sempre praticar na realização de ataques frontaes; elles constituem a tarefa mais difficult e ao mesmo tempo mais necessaria para a infantaria, cujo grosso ha de empregal-os no acto da batalha.

Se soubermos como lutar contra uma forte frente inimiga, aproveitando o terreno para levarmos adiante os nossos fogos, na preparação do assalto, encontraremos menor difficultade em cumprir essa missão, que será mais facil sempre que excepcionalmente nos conduzir a enfiar a linha contraria.

A pratica demonstrará ao commandante de batalhão que ha, dentro do quadro proposto, grande diversidade de circunstancias pela configuração do terreno, pela collocação do adversario e pela sua conducta, alem de proporcionar oportunidade para desenvolver a iniciativa dos capitães e subalternos, nos limites impostos pelo conjunto da acção.

Reaprovisionamento de munições

O aperfeiçoamento das armas de fogo exige uma quantidade enorme de munições e a excitação do combate origina um grande desperdicio de cartuchos. Uma infantaria sem cartuchos não vale nada.

Desde que a tropa entra em combate, cabe ao comandante abastecel-a de munições. Por isso, o remuniciamento deve ser praticado como qualquer outro exercicio. Decorre d'ahi que o batalhão não deve sahir para exercicio sem levar os seus carros de munição; nos casos de não tel-os, deve represental-os por bandeirolas azues, com uma cruz no centro. Taes bandeirolas devem seguir á tropa e collocar-se no logar dos carros. O R. S. C. dá-nos os principios correspondentes ao remuniciamento.

Grande numero de vezes os carros não poderão acompanhar as tropas, devido ao terreno. E' conveniente que os animaes que tiram cada carro possam ser transformados em cargueiros e conduzir a munição, seguindo á tropa em combate. Outras

vezes, bastará que siga a tropa apenas um cargueiro, emquanto o carro opera um rodeio.

Parece conveniente que todos os graduados das companhias recebam a respeito uma instrucção especial, servindo durante algum tempo junto aos carros, como cabos municiadores; sob o commando desses cabos deve ficar a *patrulha de munição*, além do conductor do carro. As patrulhas serão compostas, dentro de cada companhia, de 3 soldados, um de cada pelotão.

As patrulhas marcham com as mochilas nos carros, acompanhando-os. Além disso, deve haver em cada carro seis bolsas ou apparelhos muito simples, que os soldados possam carregar sobre os homens, conduzindo munição.

Num combate de encontro ou num ataque, raramente haverá tempo para repartir entre os homens a munição dos carros. Incumbe, pois, ao cabo municiador estabelecer, independente de ordem, as comunicações com a companhia.

Cabe-lhe, tambem, repartir a munição por intermedio da patrulha, enviando-a á companhia, ou distribuindo-a á reserva, quando esta vae reforçar a linha de fogo.

Distribuida a munição, só excepcionalmente os homens da patrulha voltarão para junto dos carros.

Sendo necessário, o cabo pedirá, para aprovisionar a sua companhia, praças ás fracções da retaguarda ou a outras companhias. Compete-lhe ir recolhendo, com sua patrulha, as munições dos mortos e feridos, bem como substituir as munições gastas do seu carro, os animaes inutilizados, etc., pedindo cartuchos a outras unidades ou aos carros da columna de munição.

E' necessário que no decorrer do anno todos os homens da companhia tenham feito o serviço de patrulha de munição, sem prejuizo de sua instrucção, principalmente como atiradores.

O cabo tomará nota dos individuos que tenham tomado parte no serviço de municiamento, dos quaes dará conta depois do combate. Em tempo de guerra, o cabo municiador deve ser uma pessoa energica.

O commandante não deve deixar, nos exercicios de batalhão, de prestar attenção ao serviço de municiamento, como parte integrante dos exercicios de combate.

(Continua)

2º tenente F. Paula Cidade

A Aviação Militar no Brazil

Condições a que deve satisfazer o apparelho de guerra.

São de duas especies os principaes serviços do aeroplano de guerra, a saber: ou é observador e mensageiro, ou é arma de guerra. Facilmente se reconhecem as vantagens que o monoplano apresenta para aquelle serviço, em virtude da sua velocidade extraordinaria permittir transportar-se rapidamente de um a outro ponto, elevar-se tambem rapidamente a grandes alturas, e dellas dominar todas as posições inimigas, trazendo rapidamente ou de lá mesmo transmittindo os esclarecimentos necessarios; razão porque para este serviço é reclamado um apparelho pequeno, ligeiro, de facil transporte, que seja rapidamente montavel e que, se possivel fôr, dispense a regulagem, afim de poder rapidamente entrar em serviço.

O typo especial para o serviço de reconhecimentos ligeiros, só deverá ser tripulado pelo aviador, que executará todo o serviço. Este typo deve ser da mais facil pilotagem, razão porque sua construcção subordinada a tantos limites, torna-se um pouco difficult. Estes pequenos apparelhos, têm pouca estabilidade e pequeno raio de acção, requerendo portanto grandes melhoriamentos para mais facilitar estes serviços. Foi isto que nos levou a estudar um typo que se adapte perfeitamente ás condições impostas pela guerra. Nestas condições pensamos estar o nosso monoplano e, com alguns aperfeiçoamentos, pretendemos ir um pouco além, com os projectos a serem realizados depois das experiencias.

O apparelho de combate deve ser muito mais poderoso, dispôr de uma grande superficie sustentadora, auxiliada por um impeccavel grupo moto-propulsor dotado de grande energia, de modo a superar á necessaria ao equilibrio entre os tres elementos basicos: *peso, superficie de sustentação e força*. Assim teremos um apparelho capaz de uma grande velocidade, devendo o excesso de força permittir-lhe que supporte uma carga util de mais de 300 kilogrammos, de accordo com as exigencias da guerra.

Assim dotado, pôde elle tanto perseguir os exploradores inimigos, como tambem bombardear forças e sitios importantes, como sejam: *fortes, estabelecimentos*

militares, cidades, etc., onde outra qualquera arma se tornaria impotente.

As condições exigidas para o apparelho de guerra o são de modo geral para qualquer typo, quer seja mono ou bi-plano, havendo apenas diferença quanto ao emprego de cada um segundo sua missão tactica no seio do *grupo aereo*. (Actualmente a maior unidade da divisão aerea). Pelo que ligeiramente fica exposto, podemos ver que um apparelho de guerra nas condições exigidas, poderá attingir o peso de 800 a 1.000 kilogrammos, em ordem de marcha, o que quer dizer que necessitará nada menos de 120 cavallos para poder effectuar sua *decollage*. Quanto á harmonia no serviço de guerra, della trataremos no artigo seguinte, mostrando as diferentes aptidões dos apparelhos, segundo as exigencias da tactica. Segundo o concurso francez de 1911, o apparelho deverá satisfazer ás seguintes condições, que bem difficéis se apresentam ao constructor:

1.^a— Fazer um percurso de 300 kilometros sem escala, isto é: sem aterrarr para receber combustivel ou lubrificantes.

2.^a— Poder conduzir uma carga util de 300 kilogrammos. (Chama-se carga util, ao pezo que pôde conduzir o apparelho, independente do combustivel, lubrificante, etc.) Aqui nesta condição só é excluido o aviador, que é computado na carga util exigida.

3.^a— Deverá ter trez *naceles* para conduzir o *aviador*, o *mechanico* e o *observador*.

4.^a— Poder diminuir sua velocidade a menos de 60 kilometros por hora; o que influe poderosamente no momento das observações.

5.^a— Deverá aterrarr em terrenos meio perigosos e delles descolar da mesma maneira.

6.^a— Poder ser transportado a bordo, em estradas de ferro, e em carretas, quer ou não embalado, sendo de facil *montagem* e mais rapida *regulagem*, afim de ser rapidamente posto em serviço.

7.^a— Deverá ter orgãos de manobras duplos, afim de que melhor possa o ajudante substituir o aviador em qualquer emergencia.

8.^a— Deverá elevar-se em vôo com toda sua tripulação já citada.

9.^a— Deverá facilitar ao observador um franco campo de observação.

Pelo que fica exposto, bem pôde ver-se a dificuldade apresentada ao construtor, e quanto elle terá que lutar para chegar ao seu *desideratum*. Mas julgamos que todas estas dificuldades poderão ser debelladas, uma vez que haja um pouco de tenacidade e perseverança; maximé quando temos o exemplo do progresso que tem feito a aviação durante estes dez annos, e que apezar de parecer vertiginoso, nada mais tem feito senão tiral-a do embrião, pois a etapa a percorrer é longa e se nos apresenta apenas iniciada.

(Continua)

1º Tenente Vilheta Junior.

NOTA SOBRE MILLESIMO

O conceito em que tenho o Sr. coronel Tasso Fragoso, accrescido agora de grande reconhecimento, faz-me substituir o assumpto que deveria considerar no nosso numero de anniversario. Não me ocorre, porém, apresentar replica. Com o coronel Tasso Fragoso não se discute — aprende-se.

No artigo sob a mesma epigraphe inserto na *A Defesa* (n. 33) não tive intenção de expôr a teoria do millesimo, mesmo, porque ser-me-ia impossivel fazel-o de modo tão completo e tão brilhante como o fez o autor dos dois artigos "A proposito de millesimo" (ns. 35 e 36).

Um problema, arranjado a proposito e que me foi apresentado, não era susceptivel de solução satisfactoria dentro da approximação dada pelos goniometros divididos em millesimos praticos. Achei então opportuno e, tirando das minhas notas sobre o assumpto, publiquei aquele calculo e a "Nota sobre millesimo" viria, então, relembrar os limites que nos são impostos quando, na applicação dessa nova unidade, tomamos a tangente do angulo ou a corda pelo respectivo arco. Tive, tambem, o intuito de chamar a atenção dos nossos jovens camaradas para a nossa exagerada tendência para o "engenheirismo" na artilharia de campanha.

O referido problema (que, por tão bem guardado, não consigo achar) seria satisfactoriamente resolvido com processos antiquados com maior rapidez e, ainda, com muito maior precisão. Entretanto, desde que se desenhasssem os angulos medidos com um transferidor dividido em millesimos ou se utilizassem taboas apropriadas ou, ainda, se convertessessem esses angulos em unidades sexagesimais ou centesimalas aproveitando-se neste caso as taboas communs, como tudo muito justamente mostra o coronel Tasso Fragoso, seria aquele problema perfeitamente resolvido para o engenheiro, mas não para o artilheiro de campanha.

Quando, para attender ao actual programma da aula de Organização do material de artilharia na Escola Militar, exponho a teoria e applicações do millesimo (assumpto que futuramente será muito melhor explanado com o auxilio do perfeito trabalho do coronel Tasso Fragoso), aduo as seguintes definições:

1º — Millesimo é o "angulo" correspondente ao arco de 1^m da circumferencia descripta com o raio de 1000^m.

2º — Millesimo é uma unidade variavel igual á millesima parte do raio *OC* (fig. 1) ou, ainda,

3º — Millesimo é o "arco" ou "corda" que occulta o arco ou corda de um metro á distancia de 1000^m.

A primeira é perfeita. Adoptando-a mostro estar de pleno acordo com o conselho que nos dá o eminentíssimo chefe: "Urge arraigar no espirito do artilheiro a noção fructuosa de que millesimo é antes de tudo um angulo."

A segunda e terceira são menos perfeitas e apresentam um caracter mais pratico que theorico. A segunda convém muito quando se explica o assumpto a praças graduadas; motivo bastante para que a não desprezemos. A terceira é, por assim dizer, mixta e, essencialmente pratico, deixa logo ver a possibilidade de tomar-se a corda pelo arco.

A primeira definição é esoterica e as outras mais ou menos exotericas.

O coronel Tasso Fragoso cita o seguinte periodo do meu artigo: "Convém tambem não esquecer que, quando avaliamos um afastamento angular com o millesimo, exprimimos o valor do angulo por uma extensão que não é a tangente do arco, mas sim o valor deste arco". Com elle não concordando, assim se exprime: "Quando dizemos, por exemplo, que o desvio angular entre *A* e *B* é de 12 millesimos, pensamos nitidamente num angulo, o que não importa em afirmar que tambem não sejamos capaz de representar-nos linearmente o afastamento dos dois pôlos arco da circumferencia em que se encontram, se lhe conhecermos o raio, isto é, a distancia." No primeiro periodo citado penso, tambem, em um angulo ("exprimimos o valor do angulo etc.") mostrando, apenas, que o seu valor é expresso por uma extensão que não é a tangente do arco (correspondente a esse angulo) podendo, entretanto, sel-o dentro de certos limites e sendo-o sempre nos goniometros de peça, nas alças, nas reguas, etc.

Nas "Leçons d'Artillerie" de Girardon, pagina 146 lemos a seguinte observação: "Sous prétexte qu'on exprime un écart angulaire par une longueur, il ne faudrait pas commettre l'erreur de dire qu'évaluer un angle en millièmes revient à le mesurer ou à l'exprimer par sa tangente, car le millième est une unité d'angle et un nombre donné de millièmes n'exprime pas la valeur d'une tangente, mais la valeur de l'arc."

No que escrevi seria, certamente, mais justo dizer tangente do angulo em vez de tangente do arco. Mas essa "Abkürzung" nenhuma duvida poderá trazer ao espirito, pois que se trata do arco correspondente a um angulo já referido.

O illustre Chefe cita em seguida o trecho em que Girardon, referindo-se á expressão corrente — a unidade de medida angular é o millesimo da distancia —, mostra que esta simplificação de linguagem, de que se serve o proprio regulamento, não pôde satisfazer o espirito, visto que a unidade de medida deve ser fixa ao passo que a distancia é essencialmente variavel.

Em nenhuma das definições que acima dei de millesimo (e em a nota do n. 33 nenhuma foi dada) poderemos ver essa simplificação de linguagem. A segunda diz positivamente qual é a distancia da qual a millesima parte constitue o

aos chefes ensejo de agirem, educando, e de aprenderem — ensinando.

A tropa tambem tira o maior proveito desse genero de exercicios. Já vimos que, pelo menos em parte, as unidades em esqueleto devem ser providas do seu apparelho de esclarecimento e transmissão; para os homens nisso empregados offerecem-se todas as condições para que façam destes exercios a sua alta escola. Basta considerar que os commandantes destas unidades, tendo a sua attenção absorvida por toda sorte de circumstancias, sobretudo o açodamento de atacar, não pôdem dedicar-a devidamente a estes ramos de instrucção. Leia-se bem devidamente! Porque o entendedor sabe qual a importancia de um cuidadoso esclarecimento e de uma segura transmissão de informações e ordens. Em geral as patrulhas só são instruidas para o serviço de postos avançados; o serviço de esclarecimento nos combates é mais ou menos improvisado. Identicamente deficiente é a signalisação sob o ponto de vista tactico, não obstante a sua pericia technica; da mesma forma todo o serviço de transmissão. Quantos combates e batalhas se têm perdido por culpa dos serviços de esclarecimento e de informações!

* * *

Vimos que um typo de facil emprego consiste em figurar um nucleo com tropa de effectivo completo, por exemplo, na companhia um pelotão, no batalhão uma companhia. Está claro que para uma tropa assim enquadrada o exercicio é muito mais instructivo, mais expressivo, enfim, mais pratico do que se as mesmas unidades vagueassem isoladas. Pelo menos se o director do exercicio souber tirar todo o partido do terreno e das grandes proporções para apresentar á tropa uma série variada de themas interessantes. E quantos themas pôdem surgir para uma tropa desde o desdobramento de columna de marcha até á perseguição ou até á retirada!

Para as tropas em esqueleto o exercicio tambem tem toda a utilidade. Primeiramente não ha duvida que é sempre muito proveitoso empregar os homens fóra da fileira: elles deixam de ser rebanho, tornam-se autonomos, educam sua iniciativa, não se sentem mais impotentes, orphãos, vencidos quando no combate tenham que lutar sem contacto proximo, quando faltem os superiores habituas. Tambem elles adquirem entendimento para

a connexão das coisas tacticas, e — é claro — o que se entende se faz de melhor vontade, com mais empenho, enfim — mais bem feito.

Interessemos os nossos soldados nos exercicios! Os exercicios com unidades em esqueleto são um meio excellente para fazer do soldado um comparte intelligente, attento, interessado nas batalhas.

Accresce ainda que em tempo de plantio a tropa de effectivo completo mal pôde afastar-se da estrada; da mesma forma nos campos particulares, de sorte que ella não aprende a utilizar inteiramente o terreno tal qual elle é. O mesmo mal apresentam os campos ou praças de exercicios, muito bem tosados.

Com as unidades em esqueleto, sobretudo se se dispuser de uma pequena importancia para indemnisações eventuais, a tropa pode se conduzir, em vista de sua dispersão, como na guerra. Sabe-se que as seáras quasi nada soffrem com a passagem de linhas de atiradores muito tenues; e para representar um pelotão, isto é, 75 m. de linha de atiradores, bastam 8 a 9 homens: o commandante, dois avaliadores de distancias, um corneteiro, um sargento, um porta-quadro, e dois a tres atiradores para fazerem o tiroteio. Todas essas personalidades naturalmente se conduzirão tanto mais conforme á guerra, quanto mais o director tiver accentuado esse ponto como essencial, quanto mais questão elle fizer e mais vigiar que todas as ordens e commandos de movimento e de fogo sejam dados como em tropas de effectivo real e executados consoante á guerra.

Por esta forma a instrucção do baixo commando e dos soldados pôde tornar-se technica e mechanicamente de um grande acabamento.

O plano ou traçado dos exercicios com unidades em esqueleto demanda grande trabalho intellectual e physico, saber e execução conscientiosa. Os chefes têm nelles um estimulante para o estudo, para a applicação e magnificas occasões de propagarem seu *saber* e vencer a distancia que o separa do *poder*.

O estudo da tactica e dos regulamentos em geral sem a perspectiva proxima de sua applicação practica é um emprehendimento que, por assim dizer, ninguem realiza; os exercicios em questão representam, ao lado dos exercicios de quadros sobre a carta (themais tacticos escriptos,

jogo da guerra) e no terreno, o melhor excitador para tal estudo. Não pôde haver methodo de instrucção tactica mais demonstrativo e mais efficaz, que melhor deixe gravados os principios, que mais proveito dê á aprendizagem dos officiaes e da tropa.

Como illustração destas idéas descreveremos um exercicio organizado e dirigido pelo autor do folheto como commandante de batalhão.

(Continúa)

Klinger.

A instrucção na Companhia

I — A inconveniencia de instructores especialistas, admittidos estes, em parte, apenas com relação aos recrutas e á instrucção de tiro. A Divisão do Trabalho.

II — Os officiaes instructores e o desdobramento do programma instrutivo annual:

- Primeiro periodo de ensino individual (escolas de recrutas e de praças promptas);*
- Segundo periodo de ensino individual (instrucção em conjunto das praças promptas, antigas e recem-promptas);*
- Periodo de escola de companhia. Outros periodos consequentes do R. I. S. G.*

Conclusão.

(CONTINUAÇÃO)

II

Tendo nós na primeira parte deste trabalho combatido o regimen das especialidades, fazendo a necessaria ressalva com relação aos recrutas e ao tiro, confiando o de stand das praças promptas antigas ao capitão e os exercícios preparatórios e de stand dos recrutas e dos recem-promptos ao 1º tenente, deixando esboçada a necessidade da divisão do trabalho dos officiaes na instrucção da companhia, convém examinar si não seria possível sistematizar essa divisão do trabalho no preparo geral da unidade considerada.

E' provável que o acordo engendrado possa estar em desharmonia com o R. I. S. G.; mas não sendo esta obra intangivel, por isso que é humana, bem pôde ser que as ponderações aqui desenvolvidas, si forem judiciosas, mereçam ser tomadas em consideração oportunamente por quem de direito.

Convém, entretanto, advertir que o proprio regulamento dá ampla autonomia e iniciativa ao capitão, no preparo de sua companhia, quando, no art. 21, assim se expressa:

«O capitão, responsável pelo preparo de sua unidade, gosa da maior iniciativa e liberdade na escolha dos meios para a instrucção e educação de seus comandados, respeitados os regulamentos e os programas aprovados...»

E o art. 31, no seu setimo paragrapho, corrobora:

«Perante o capitão são os seus officiaes subalternos responsáveis pela instrucção que lhes for confiada. O capitão estabelece o horario para a instrucção de cada assumpto do programma nas escolas e turmas, podendo modifical-o à proporção que for sendo necessário; é tambem da sua competencia a organização de programas semanais detalhados, que serão submettidos préviamente

te á apreciação do commandante do corpo. Os programmes devem deixar á iniciativa dos officiaes subalternos a escolha dos meios para o bom resultado da instrucção de que estão encarregados.

Os officiaes subalternos encarregados de classe de instrucção devem passar frequentes inspecções nas turmas de sua classe, confiada a aspirantes e sargentos, para ver si a instrucção segue sua marcha normal e si é feita de acordo com os regulamentos.»

Aqui, a propósito de organização dos programmes semanais pelo capitão, convém, talvez, esclarecer um ponto.

Alguns de nossos camaradas suppõem que esses programmes devem ser não só *qualitativos* como *quantitativos*; isto é, que, além dos assumptos, especifiquem tambem a dosagem que de cada um destes deva ser ministrada dentro da semana.

Mas isso não é possivel, comprehende-se.

Tal intento, aliás, teve, pelo menos, um dos mais distintos membros da commissão encarregada da feitura do regulamento.

As dificuldades, porém, foram de tanta monta que esse intuito teve que ser relegado.

O objectivo geral desses programmes semanais é permitir aos chefes estarem a par do andamento normal da instrucção de suas sub-unidades, assim como o dos diarios é informar os mesmos chefes dos assumptos precisos que serão tratados no dia seguinte e tempos regulamentares, afim de que revendo esses chefes esses assumptos, possam, com as idéas frescas, apreciar, no momento, como convém, o grão de perfeição com que esteja a instrucção sendo dada, si assim o entenderem.

E' realmente inexequível dizer a companhia para o major que no dia seguinte deverá dar uma certa quantidade de qualquer instrucção, quando tudo depende do tempo e da maior ou menor facilidade de aquisição dos homens.

Cumpra cada qual o seu dever com honestidade e decencia, e forçando-se por observar o programma no que for possivel; pondo de lado, porém, naturalmente, por força, o que por impossibilidades materiais não possa ter realização prática effectiva.

Estabelecem os regulamentos que dos subalternos da companhia um deva ser o instructor dos recrutas; que outro o seja das praças promptas, sem que o deixem de ser ao mesmo tempo dos seus pelotões; sendo ainda um instructor dos sargentos e graduados; outro de signaleiros, devendo todos os officiaes conhecer este meio de comunicação (arts. 11 e 12 do respectivo regulamento de 8-5-14); que devam montar diariamente uma hora (R. I. S. G. 44); que tomem parte activa na gymnastica e esgrima, devendo, no inverno, os 2.os tenentes e aspirantes frequentarem obrigatoriamente uma aula dessas disciplinas semanalmente (art. 3º do regulamento correspondente de 8-10-13); que se devam dar aos exercícios do jogo da guerra e sobre a carta, de quadros, de exploração, de levantamentos expeditos, de leituras de cartas, de decifração de communicações cryptographicas e semaphoricas, etc. (R. I. S. G. 44 e 46); que devem conhecer a maneira de marchar e combater de todas as armas (R. I. S. G. 42) inclusive as metralhadoras (R. I. S. G. 42 e R. E. I. 286), etc., etc.?

Muito bem.

E' possivel fazer-se tudo isso?

Perfeitamente; e isso é o ideal.

Não o é, porém, por isso, ou por aquillo?

Solucionada está a questão, executando-se disso ou daquillo o que material e humanamente for possível). E prompto.

Que culpa temos nós de que os programmas organizados nos recintos dos gabinetes se resintam muitas vezes de indicações de ordem tal que sómente a pratica, a grande mestra da vida, pôde dar?

A pratica está para a theoria assim como o coração está para o pensamento. E' ella que constitue a verdadeira escola.

E' partindo da observação rigorosa e quotidiana dos factos ou dos phenomenos, que se chega a legislar sobre elles, isso quer no dominio das sciencias, como no das artes, como no das applicações.

Não vejam os nossos camaradas nessas proposições impessoaes outra coisa mais que enunciados geraes de ordem meramente especulativa.

Reconhecemos, com o devido respeito e acatamento, a obra excellente que é o nosso actual regulamento de instrucción e serviços geraes. E é o desejo de que em edição posterior vá elle *pari-passu* consignando os ensinamentos que uma observação conscienciosa e uma judiosa applicação for indicando, que nos leva a fazer, com a devida venia, ponderações da natureza destas.

Seja, porém, como for, a bem da ordem e do metodo, convém tentar fazer alguma coisa, no proposito de normalizar o serviço dos officiaes na companhia.

Assim, tratando-se da *instrucción de recrutas*, incluida nesta a preparatoria de tiro, poderíamos, talvez, assentar, na divisão do programma respectivo nas 3 partes assim discriminadas:

1) ordem unida e esgrima e o que entendesse com trabalhos de campanha;

2) ordem aberta e gymnastica e o que entendesse com serviços de campanha;

3) a parte restante, ahí incluida a instrucción preparatoria do tiro.

As duas primeiras partes sob inspecção e direcção dos dois segundos tenentes respectivamente e a terceira a cargo do 1º tenente.

Com relação aos dois primeiros officiaes, poder-se-ia aplicar o disposto no art. 31 do R. I. S. G., concernente aos *revesamentos annuaes*.

Cada subalterno disporia de dois dias da semana para o preenchimento do seu fim, conforme o quadro que no fim deste trabalho apresentaremos.

Cumpre, entretanto, não esquecer que nos estamos referindo simplesmente aos recrutas e que as praças promptas se acham também à disposição dos mesmos officiaes, pedindo instrucción, a qual terá que ser dada dentro dos mesmos tempos regulamentares do horario.

Os officiaes assignalados, pois, ao mesmo que devessem concorrer *especializadamente* para o preparo dos recrutas, teriam que, *continuar e progressivamente*, desempenhar o mesmo papel com relação às praças promptas.

Está claro que os tempos instructivos seriam utilizados pelos respectivos instructores, consagrando-se parte de cada um delles ás praças promptas e a parte restante ás recrutas, de modo que estas, sempre que fosse possível, vissem, no

que houvesse de commun, primeiro trabalharem aquellas.

Desse methodo resultaria, inegavelmente, uma convergência de esforços e unificação de trabalho para os officiaes, e uma exemplificação practica para os recrutas, diante do que, aos seus olhos, realizassem as praças promptas.

Ninguem contestaria, certamente, a excellencia do processo.

Todos conhecem o poder extraordinario de elucidação que exerce a vista. Por mais bem descripta que seja uma coisa, a idéa dada pela descrição fica sempre muito aquem do apanhado da synthese, que só os orgãos visuaes permitem.

Não resta duvida que é muito mais pratico, por exemplo, no ensino da ordem aberta, mostrar aos recrutas primeiramente como procedem as praças promptas.

Aliás, essa maneira geral de considerar, poderia, talvez, encontrar justificativas até mesmo no nosso actual R. E. 1 de 16-12-14, quando, tratando mesmo do ensino individual do atirador, aconselha no art. 169:

«Ensina-se aos recrutas o modo de combater em atiradores, levando-os primeiramente a assistir o combate de pequenas fracções de homens já instruidos.»

A mesma doutrina tem, é claro, inteira cabida em outra ordem qualquer de instrucción, como na gymnastica com apparelho, esgrima de combate, etc., etc.

Objectariam, talvez, que o tempo assim discriminado não seria suficiente, provavelmente, para o cumprimento integral do programma annual?

E si assim fosse, o que dahi se deveria concluir?

Que esse programma teria sido organizado muito theoricamente, sem que as limitações da pratica houvessem podido verdadeiramente orientar a demarcação dos periodos de tempo necessarios, comparativemente com as extensões desses programmas, tendo-se em vista os impedimentos que distraem a tropa de sua continua preparação, como acontece com a infantaria, sobrecarregada com o pesado serviço de guarniça, etc.

Assim, pois, com relação ao periodo de instrucción de praças promptas, deve elle ser augmentado de 12 para 16 semanas, pelo menos, em se tratando da infantaria, similhantemente, ao que sucede nas metralhadoras, artilharia de posição e montada e corpo de trem, porque si é verdade que essas tropas oferecem mais complexidade no seu ensino do que a infantaria de linha, por outro lado fica esta arma com o seu tempo de instrução reduzido a quasi metade, em vista das guardas e patrulhas de que a oneram, etc., o que se não dá com os outros elementos.

Não é preciso descer a mais outras considerações, para justificar a modificação da aline a) do art. 25, elevando para 16 semanas tambem o periodo da escola de praças promptas na infantaria.

Deste modo o periodo de ensino individual na infantaria, ficaria assim constituído:

a) 1º periodo de ensino individual, 12 semanas: escolas de recrutas e de praças promptas;

b) 2º periodo de ensino individual: instrução em conjunto das praças promptas antigas e recem-promptas, com mais 4 semanas.

Com relação á instrucción dos graduados e sargentos, deveria esta ser dada conjunctamente

com a das praças promptas no periodo *pleno* da instrução especial destas, no que entendesse com os conhecimentos geraes communs, como pratica de signaleiros, de avaliação de distancias, orientação, etc., devendo o que houvesse de mais especial, como levantamentos expeditos, etc., ser dado no pleno periodo de escola de companhia, devido á falta de tempo do periodo inicial, procurando, sempre que fosse possível, interessar nesses assumptos as demais praças promptas, atendendo a que de futuro terão de sair dentre elles taes serventuarios.

A este respeito convém mostrar a perfeita superfluidade e ao mesmo tempo contradição do disposto consignado no § 8º do art. 23 do regulamento geral, e assim redigido :

«A instrução dos graduados e sargentos será ministrada nos dias disponíveis durante todo o anno de instrução.»

Superfluidade, porque esses homens, como todos os demais da companhia, têm forçosamente que se submeter ás condições geraes da marcha da instrução no periodo das escolas dos recrutas e das praças promptas.

Acaso não são elles necessarios e auxiliares dos officiaes na instrução das praças em geral?

Contradição porque está em desharmonia com o artigo 39 do Regulamento Geral, assim estipulado :

«A partir da escola de companhia, esquadrão ou bateria, a instrução da tropa servirá tambem para a preparação dos quadros, isto é, do conjunto dos officiaes, sargentos e cabos de cada unidade...»

Por outro lado, devendo a instrução das praças promptas ser distribuida pelos tres subalternos, de modo que, para cada um delles se desdobre o programma normal, progressiva e continuamente, sem prejuizo da instrução dos recrutas pelo modo que áqui estabelecemos, isso não faz com que tenham os officiaes já o seu tempo distribuído com aquellas praças ?

Logico é que o que houve de mais especial na instrução dos graduados e dos sargentos só possa ser convenientemente tratado após os exames de recrutas e de praças promptas, isto é, no periodo da escola de companhia.

Para que, pois, estabelecer-se que, durante todo o anno, deva ter lugar tal instrução ?

Além disso, diz o art. 31 do regulamento, no § 3º:

«Os cabos e sargentos terão uma instrução especial ministrada por um subalterno, ou pelo proprio capitão, sem prejuizo do auxilio que tiverem elles de prestar á instrução como munitores e chefes de turmas de recrutas.»

A instrução especial desses homens, especialidade que deve compreender o que vai além do preparo propriamente de monitor, deverá normalmente, pois, ser ensinada no periodo da instrução da companhia, adequadamente, á proporção que o desempenho das suas funções lhes forem oferecendo oportunidades para a aprendizagem correspondente, convindo o aproveitamento dos dias de acampamento para a prática de levantamentos de *croquis*, applicação de avaliação de distancias, orientação, serviços de segurança e outros proprios de campanha, ensino esse feito em commun, com a presença mesmo dos officiaes da companhia, sob a direcção do capitão, ou doutro oficial por elle designado, que poderá ser

aquelle que tem a seu cargo a instrução especial respectiva, depois de desembaraçados os subalternos dos periodos de instrução individual propriamente, como estabeleceremos.

Vem, a propósito por se coadunar com essas observações, o que diz o art. 7º do Guia para o ensino de avaliação de distancias :

«Tanto os officiaes como os sargentos devem possuir uma completa instrução de avaliação de distancias e estar em condições não só de fazer pessoalmente uma avaliação como de dirigir os exercícios.

Durante os mezes de instrução individual, a direcção desses exercícios cabe especialmente aos officiaes instructores das companhias (esquadrões, etc.), e mais tarde, nos periodos de instrução subsequentes, devem os commandantes dessas unidades dirigir-los pessoalmente.

Todos ss officiaes subalternos, mesmo os capitães commandantes de companhia e esquadrão, e todos os sargentos, devem se esforçar por tomar parte na avaliação de distancias, porque são elles, no combate, os órgãos principaes da direcção do fogo.»

E norma diferente não se deprehende do art. 39 citado do nosso regulamento geral, cujo contexto, como vimos, é o seguinte :

«A partir da escola de companhia, etc., a instrução da tropa servirá tambem para a preparação dos quadros, isto é, do conjunto dos officiaes, sargentos e cabos da unidade...»

Emfim, as idéas geraes que a respeito da instrução da companhia estamos emitindo, talvez conviessem ser experimentadas, aliás conformemente a doutrina esposada pelo nosso regulamento de instrução, quando inicia o capitulo II, mesmo concernente á instrução em geral, no art. 15, com a formula :

«A instrução das tropas, tendo por fim preparal-as para a guerra, deve ser dada de modo continuo e progressivo e ter por base uma sólida instrução individual »

A modificação do periodo do ensino individual das praças promptas na infantaria, deslocaia o periodo de escola de companhia, o que obligaria a modificação do art. 25 do R. I. S. G., onde aliás se faz referencia á época inicial da instrução da tropa, sem prefixal-a.

Esse art. poderia, pois, assim ser redigido :

•Art. 25. O anno instructivo para a tropa inicia-se com o mez de fevereiro.

Os periodos de instrucción terão as seguintes durações a contar do começo do anno de instrução:

a) escola de recrutas, de soldados promptos e de sub-unidades : 12 semanas para os recrutas da infantaria de linha e 16 para os demais nessa arma, nas metralhadoras, artilharia de posição e de montanha, engenharia e corpo de trem; 20 na cavalaria, artilharia montada, a cavalo, pesada de campanha e tropas de comunicações;

b) escola de companhia, esquadrão ou bateria : 8 semanas a contar da terminação dos exames da escola anterior; na engenharia esse periodo será de 16 semanas e na artilharia de posição de 12;

c) instrução de batalhão, regimento de cavalaria ou grupo de artilharia : 4 semanas depois da terminação dos exames da escola anterior;

d) instrução de regimento de infantaria e artilharia : 2 semanas a contar da terminação dos exames de batalhão e grupo;

e) instrucção de brigada: 1 semana depois do exame de regimento.

No mez de outubro, na quinzena marcada pelo chefe do estado maior, deverão realizar-se as manobras, ficando reservados os mezes de novembro e dezembro para as dispensas de 4 semanas a que os officiaes da tropa, em dnas turmas alternadas, passaram a ter direito, de acordo com o art. 54 deste regimento, dando-se o mesmo com as 2 semanas relativas aos sargentos.

No mez de janeiro, finalmente, deverão ter logar a constituição e aperfeiçoamento, em cada companhia, esquadrão e bateria do grupo nucleo de instructores de recrutas, consoante o art. 29, bem como o recebimento dos encorporados e apercebimento do indispensavel para o inicio do novo anno instructivo.

Uma observação.— Acabamos de nos referir á constituição do nucleo de instructores de que trata o art. 29.

A esse proposito é opportuno mostrar a contradição em que se acha esse artigo com o 31.

Com efeito, diz este artigo, á pg. 25 do R. I. S. G., linhas 6 a 8:

«Os aspirantes serão equiparados aos officiaes subalternos no que diz respeito á instrucção das praças.»

E é logico que assim succeda, pois um aspirante está oficial e tecnicamente tão habilitado como qualquer official de curso, visto que a condição *sine qua non* para a sua designação a aspirante é justamente essa da obtensão do curso.

Mas o que sobre tal ponto nos ha dito o artigo 20 (e nisso está a contradição)?

Ei-lo: «Art. 29. Annualmente, cerca de um mez antes da organização da escola de recrutas, formar-se-á em cada companhia, esquadrão ou bateria o nucleo de instructores de recrutas, composto do official designado para encarregado da escola, dos *aspirantes* e sargentos, como auxiliares.»

De modo que os aspirantes, que são tecnicamente tão competentes como os officiaes; que exercem nos corpos funções identicas aos subalternos no que diz respeito á instrucção, com estes revesando-se na generalidade dos serviços, nisso corroborando ainda o trecho do art. 31, acima alludido; de modo que, não obstante isso, acham-se os aspirantes, pelo artigo 29, equiparados aos sargentos, devendo, como estes, entrar na composição dos nucleos afim de serem *instruidos* e *preparados* para auxiliares dos subalternos, cuja identica função exercem!

Resalta, com evidencia, um cochilo.

(Continua)

O TROTYL

(Continuação)

II — O Trotyl — C₇H₅(AzO₂)₃ — como explosivo de guerra.

Sabe-se que do explosivo de guerra exigem-se as seguintes importantes qualidades:

- Estabilidade;
- Regularidade de efeitos;
- Combustão integral;
- Pressões moderadas;
- Inocuidade dos gazes;
- Resistencia ás explosões prematuras.

Ora, é incontestavel que o trotyl leva as lampas, quanto ás qualidades enumeradas, aos dois explosivos mais bem aceitos nos meios tecnicos para os usos da guerra; quero referir-me ao acido picrico e ao algodão polvora. Isto ficará patenteado á luz meridiana, quando fizermos o paralelo entre os tres explosivos, e no decorrer deste estudo.

De fabricação isenta de perigos, de grande estabilidade chimica, escapando aos perniciosos efeitos da humidade, inatacavel pelos metais, o trotyl está actualmente indicado para substituir o acido picrico no carregamento das granadas e em outros mistérios.

No primeiro a insensibilidade ao choque é muito preciosa, diminuindo as probabilidades de arrebentamentos de granadas na alma, tão frequentes com o acido picrico. Precioso ainda é pela simplicidade de conservação, pela facilidade de provocar-lhe a detonação e pela sufficiente potencia para os usos da guerra. Seus gazes são inocuos e goza de grande resistencia ás explosões prematuras.

Requisitos tecnicos a que deve preencher para este mistér.

Um dos pontos capitais para a applicação militar do trotyl é sua *pureza chimica*, razão por que deve preencher uma série de exigencias. Sendo producto de nitração pôde conter como impureza: acido sulfurico, acido nitrico e azoto, resíduos e cinzas.

a) Ensaio do acido nitrico :

Para a determinação deste acido emprega-se o reactivo mais sensivel: a *dyphenylamina*. O ensaio referente ao acido nitrico deve ser feito por comparação, e da seguinte maneira: 10,0 de trotyl são fervidos em 50 cc. de agua distillada. A solução, após o resfriamento, será filtrada e adicionada da agua necessaria para completar de novo a quantidade de 50 cc.

Tomam-se então 5 cc. desta solução, que serão tratados em uma capsula de porcellana de 8,5 cm. de diametro, com 0,1 cc. de uma solução sulfurica de *dyphenylamina* (1 : 100) e 20 cc. de acido sulfurico concentrado.

A coloração azulada, que poderá sobrevir no fim de cinco minutos, não deverá ser mais forte que a obtida com uma solução comparativa, contendo 0,001 gr. de acido nitrico, por litro.

A solução comparativa é preparada dissolvendo-se n'um litro d'agua 0,640 gr. de nitrato de potassio puro e secco. Da solução assim conseguida, tomam-se 10 cc. que serão diluidos de novo n'um litro d'agua.

b) Ensaio de acido sulfurico :

Fervem-se 10 grs. de trotyl em 250 cm.³ de agua distillada. Filtra-se, depois de esfriada.

Retiram-se 100 cc. do filtrado préviamente, acidula-se com algumas gottas de acido chlorhydrico e precipita-se com uma solução de chlorureto de bario (1 : 10). Se resultar a formação do precipitado, este, calculado em SO₃, não deve exeder de 0,05 grammas por cento.

c) Dosagem do azoto :

Determina-se a quantidade de azoto pelo aparelho de Kjedakl, não devendo encontrar-se menos de 18,30 por cento.

d) Resíduos e cinzas :

Dissolvem-se a quente 50 grammas de trotyl

em 200 cc. de benzol. Depois filtram-se. Pezados os *residuos* existentes no filtro, não deverão exceder de 0,10 grammas por cento.

As cinzas resultantes da calcinação, não devem ultrapassar de 0,9 grammas por cento.

e) Ponto de solidificação minimo tolerado -79,5° C.:

Para se determinar o ponto de solidificação, opera-se da seguinte forma: o trotyl bem seco, em quantidade suficiente para cobrir e ultrapassar de 2 cc., mais ou menos, o reservatorio de mercurio do thermometro, é fundido em um tubo de ensaio, de paredes resistentes, em estufa apropriada, ou afastada 30 mm. da chama de um bico Bunsen. Uma vez fundido, mergulha-se o reservatorio do thermometro no seio da massa liquida, agitando-a continuamente, até que se inicie a respectiva crystallisação. Para tornar mais lento o resfriamento, pôde-se colocar o tubo de ensaio dentro de um vaso de vidro, enchendo-se com algodão o espaço intermediario.

Ao começar a crystallisação, a temperatura baixa sensivelmente, para subir logo após, e estacionar durante algum tempo (cerca de 10 minutos) em grão mais elevado. Este grão, lido, deve sofrer uma correcção, a qual é dada pela seguinte formula :

$$K = \frac{n(t - t')}{6.300}$$

na qual K = correcção em grãos; n = numero de grãos da escala thermometrica, que se acham acima da superficie da massa fundida; $t - t'$ = diferença entre a temperatura da fusão e a do ambiente.

f) Humidade — maxima tolerada 0,1 %:

Duas amostras de 10 grammas pulverisadas serão collocadas em uma estufa a 50° C. Decorridas 4 horas, a diferença de peso deverá ser no maximo de 0,1 %.

g) Densidade — Para o trotyl fundido não deverá ser menor de 1,6 e para o comprimido de 1,5:

Esta será determinada pelo metodo do frasco ou pela relação entre o peso e o volume.

h) Prova de estabilidade:

Esta prova será effectuada na temperatura de 65,5° C., empregando-se o papel de iodureto de potassio amidonado.

Tempo minimo para a coloração do papel, 30 minutos.

i) Conservação das cargas:

Nenhuma prescrição especial é necessaria, relativa à conservação das cargas de trotyl; a estabilidade chimica deste explosivo é admiravel, extraordinaria.

A temperatura atmosferica nenhuma influencia tem sobre as cargas, podendo ser depositadas em qualquer armazem ou paiol.

Evitam-se, contudo, temperaturas elevadas, tendo em vista a conservação material, attendendo ao ponto de fusão do trotyl 80°,6 C.

Convém adoptar-se a temperatura maxima de 45° C. »

Suas propriedades physicas e chimicas

Peso molecular 227

Densidade { solido 0,75
fundido 1,6
comprimido 1,5

Calor desprendido, por gramma 680 calorias

Volume de gaz, por gramma 0,981 L.

Temperatura de detonação 236° C.

Ponto de fusão 80°,6 C.

O trinitrotoluol é corpo solido, apresentando-se em crystaes incolores de aspecto brilhante, solvel no alcool e no ether e insolvel na agua fria. A 90° C. a agua dissolve apenas 2 : 1000.

Pelas soluções alcalinas diluidas conseguem-se decompol-o.

Resiste notavelmente ao choque, o qual, por mais energico e violento que seja, apenas produz ligeira decomposição parcial no ponto chocado.

E' um corpo tão estavel quanto pôde sel-o um composto organico nitrado e em alta temperatura.

Não é hygroscopico, o que o torna especialmente recomendavel e recommended para misterios profissionaes.

E' inalteravel ao ar e pôde supportar, sem inconveniente, as maiores variações de temperatura atmospherica entre - 10° e + 50° c.

Crystallizado, o trinitrotolueno tem cõr amarelo-pallida e densidade de 0,8 a 1.

E' inodoro, dissolve-se na benzina como no tolueno.

Referente á hygroscopicidade, ha uma experientia feita na Hespanha, em que 10 kg. de trotyl, deixados á atmosphera humida, durante 10 dias, não absorveram senão 5 grs., ou seja 0,05 por 100 d'agua.

Funde a 80°,6 C. sem desprendimento de vapores perigosos, tomando cõr carregada e a densidade de 1,6.

Sendo comprimido a 3.000 kg. por centimetro quadrado, pressão maxima que pôde supportar sem perigo, ou, fundindo-o sob uma massa de ar comprimido a 3 ou 4 atmospheres, conseguem-se dar-lhe densidades, variando entre 1,62 e 1,68, isto é, sensivelmente equivalente á do acido picrico que é: 1,62 — 1,48.

O trinitrotolueno não ataca nem os metais, nem os saes, mesmo em presença da humidade.

Exposto á accão progressiva do calor, funde, depois decompõe-se sem detonar; posto em contacto com um corpo em ignição, queima rapida mas regularmente, com chama fuliginosa. Sua insensibilidade aos choques é extraordinaria.

E' assim que um peso de 2 kg. cahindo de mais de 20 cm. de altura sobre um decigrammo de acido picrico fal-o detonar, ao passo que deve cahir de mais de 80 cm. para fazer detonar a mesma quantidade de trinitrotoluol.

Afirando a 20 m. de distancia sobre um bloco de trotyl com a bala ponteaguda do fuzil Mauser hespanhol (856 m. de velocidade inicial) não produz effeito algum; e projectis cheios deste explosivo, mas sem espoletas, têm sido atirados e têm-se quebrado sobre placas de blindagem, sem que o trinitrotolueno haja detonado ou apenas queimado.

A altura de queda indicada na seguinte tabella, é a altura maxima que não produz a detonação.

Estado physico	Algodão pol-vora		Acido picrico		Trinitrotoluol	
	Densi- dade	Altura da queda	Densi- dade	Altura da queda	Densi- dade	Altura da queda
Secco	1,22	5 cm.
Humido	1,35	40 cm.
Crystallisado	0,85	0,90
Fundido	1,62	20 cm.	1,55	80 cm.
Comprimido	1,48	1,68

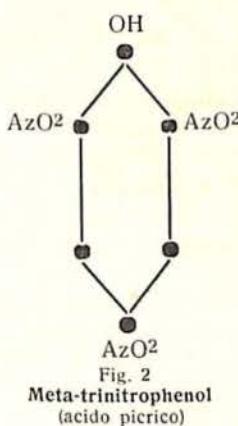
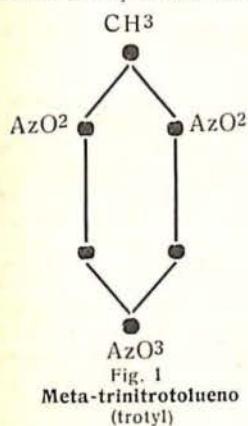
Sua constituição chimica

O tolueno ou toluol é um producto de destilação do alcatrão da hulha e pôde ser considerado como proveniente da benzina — C₆H₆, em que o grupo radical methyla C³H³ substitue um atomo de hidrogenio — H. D'onde o nome que também se lhe dá de methylbenzina e sua formula: C₆H₅ (C³H³).

Tratado pelo acido azotico, o tolueno, como o phenol C₆H₅ (O H), troca um, dois ou tres atomos de hidrogenio por um mesmo numero de radicaes — azotila — AzO₂; tem-se, pois, paralelamente trinitrotoluenos isomeros e trinitrophenoles isomeros, dos quaes o acido picrico é um.

As formulas desenvolvidas (fig. 1 e 2) mostram claramente o parentesco dos dois corpos e também sua diferença essencial; o trinitrophenol é um *acido*, o trinitrotolueno é *chimicamente indiferente*.

Os tres trinitrotoluenos isomeros têm, como ponto de fusão, respectivamente, 72°, 78° e 81°; é o meta-trinitrotolueno, fundido a 81°, que constitue o explosivo militar.



Formula de decomposição

$$2 \text{C}_7\text{H}_5(\text{AzO}_2)^3 = 12 \text{CO} + 10 \text{H}_2\text{O} + 6 \text{Az} + 2 \text{C}$$

Segnndo a theoria de Berzelius faltariam 21 de O para dar-se a decomposição completa, como nos mostra a formula:

$$2 \text{C}_7\text{H}_5(\text{AzO}_2)^3 + 21 \text{O} = 14 \text{CO}_2 + 5 \text{H}_2\text{O} + 6 \text{Az}$$

Mas esta theoria não está de acordo com a pratica dos explosivos de mina; todavia, juntando-se um corpo oxydante, um nitrato, por exemplo, remedia-se a desvantagem proveniente do desprendimento de oxydo de carbono nas galerias mal ventiladas, isto para fins industriaes, já se vê.

Decomposição sob a ação do choque de um detonador de 1,5 gramma de fulminato de mercurio

A decomposição do trinitrotoluol sob a ação do choque de um detonador de 1,5 gramma de fulminato de mercurio, dá os seguintes productos, segundo affirmação de M. Bichel:

Oxydo de carbono.....	70,5
Acido carbonico.....	3,7
Hydrogenio.....	1,7
Azoto	19,9
Carbono.....	4,2
	100,0

(Continua)

1º Tenente Pericles Ferraz

Topographia Militar

Extrahido do "Livro de recapitulação para o uso da tropa", do Capitão Cebrian, professor na Escola de Guerra de Danzig. 1914.

II. Reconhecimentos aplicados na zona de concentração

2. Rêde de estradas

46. A natureza do solo influe sobre a praticabilidade de quaisquer estradas para a marcha. Por isso as ultimas convenções cartographicas representam as rampas superiores a 4% por meio de traços transversaes de 0^{mm},5 de interdistancia.

O chão pedrento, frequente em região montanhosa, duro e firme, porém cheio de pedras soltas, ataca as articulações dos pés e tendões, o calçado, a ferragem e as rodas.

Muito incommodo torna-se o chão calcareo pelo desenvolvimento do pó com a secca, de lama com a chuva.

O chão arenoso é difficult para o movimento, sobretudo da artilharia, bagagem, columnas de munições e trens, mais com a secca que quando molhado.

O forte desenvolvimento de pó denuncia a marcha e prejudica o movimento das tropas a pé.

47. Os caminhos pôdem servir a diferentes fins tacticos e precisam ser reconhecidos sob pontos de vista tacticos — na paz mais raramente que na guerra, pois nesta quanto mais se penetrar no territorio inimigo tanto mais se disporá apenas das indicações de cartas vulgarisadas. Como ahi, além das localidades (fortificações), grandes mattas, só são indicados os cursos d'agua e os traçados das vias de comunicações, serão inevitaveis os reconhecimentos a tempo para se descobrir o estado actual dos caminhos, suas rampas, pontos de observação á direita e esquerda da estrada de marcha. Cabe o reconhecimento a officiaes competentes, conhecedores da lingua e devidamente esoltados.

Exactamente no reconhecimento de caminhos de ligação entre localidades é que se pôdem obter valiosas informações de gente leiga em materia militar, por isso é de vantagem os commandantes de patrulla interrogarem moradores dos lugares e os aproveitarem como guias.

Quanto mais completas as informações colhidas e mais rapidamente chegarem á

tropa, tanto mais lhe serão poupadadas caminhadas inuteis.

48. As estradas têm significação militar como :

1. estradas de marcha de frente, de flanco ou de retirada;
2. linhas de etapa ou de abastecimento;

3. percursos de patrulhas, transmissão de notícias, estafetas a cavalo, cyclistas, motocyclistas, ligação entre partes de exercito em movimento ou estação;

4. approximação para o combate;

5. ligação rapida ou de *relais* (mudas), automoveis, estabelecimento de linhas telegraphicais ou telephonicas.

49. Em marchas de paz dependem de reconhecimento :

hora de partida (extensão da marcha, estado atmospherico, estado dos caminhos);

reunião (por principio deve ser feita na direcção da marcha; evitar voltas, mas nada de atalhos duvidosos! onde ficam os pontos mais apropriados para penetrar na columna de marcha, pontos de escâamento);

pausas na marcha (grandes altos; abrigo contra vento, sombra, agua aos animaes, forragear, lugar para cosinhar ou esvaiasir as viaturas-cosinhas); a omissão de pausas oportunas e suficientes na marcha acarreta grave responsabilidade para o commando;

requisição de viaturas para transportar mochilas, doentes;

podem as tropas montadas marchar separadas da infantaria para fugir esta á forte poeira levantada por aquellas?

indiquem-se á infantaria e á artilharia as estradas firmes, á cavallaria, em pequeno percurso, caminhos arenosos, não muito fundos, em percurso longo, antes caminhos lisos; muitas vezes será preferivel uma volta a um máo caminho mais curto.

Quanto maior a unidade tanto mais penosa a marcha. Na escolha dos caminhos para as tropas, muitas vezes se tradizem as considerações para poupar-as e as necessidades tacticas.

50. Em marchas de guerra os caminhos devem ser reconhecidos sob o ponto de vista de que é possivel ou provavel um encontro com o inimigo, ou que o inimigo deve ser atacado em determinada região.

Uma variedade de marchas de guerra

são as marchas rapidas ou forçadas, e as marchas acceleradas artificialmente pelo emprego de vehiculos. Mas ahi o exito depende menos do reconhecimento do terreno e sua utilisação, do que das disposições tacticas correctas e da habil organisação do emprehendimento.

A "instrucção practica da infantaria" francesa prescreve para uma marcha forcada, até 26 horas :

4 horas de marcha	=	18 km.
1 » pausa	=	(grande alto) (*)
3 » marcha	=	13,5
5 » repouso	=	(longo repouso)
4 » marcha	=	18 km.
1 » pausa	=	
3 » marcha	=	13,5
14 » marcha	=	63 km.
12 » descanso		

51. Nas linhas de etapas e de abastecimento tornam-se necessarios os reconhecimentos para conservação e segurança da linha, reconstrucção e modificaçao das estradas de rodagem, pontes, occupação militar e defeza.

E nas formações que ahi transitam, onde termina a zona de estacionamento da tropa? quando se põe ella em marcha, de onde, para onde? quando fica livre a estrada de marcha da tropa? se isso fôr tarde, onde uma estrada paralela, por exemplo, para avançarem columnas de munições?

52. Como caminho para o esclarecimento, a exploração, transmissão de informações, ligação utilizam-se as estradas enquanto a isso não se oppuser a consideração do inimigo ou a missão a cumprir. Fóra isso, só a exigencia de campo de vista ou de desenfiamento ás vistas é que afasta as patrulhas das estradas para o terreno adjacente.

53. Reconhecimento para communicações rapidas e linhas de muda (*relais*).

Para linhas telegraphicais e telephonicas deve-se em geral utilizar estradas reaes e vias locaes importantes para que possa o fio ser estendido ou retirado mesmo durante a marcha da tropa.

Para poupar tempo e material, caberá reconhecer como se possa aproveitar o telegrapho permanente (geral ou de estrada de ferro).

54. No serviço de *relais* deve-se reconhecer: qual o minimo de pessoal ne-

(*) Além disso em cada hora de marcha um alto horario de dez minutos.

cessario? como evitar enfraquecimento dos quadros da cavallaria? o estado dos caminhos permite o emprego de cyclistas (distancia dos postos de muda 30 a 40 km.) ou de estafetas a cavallo (id. 15 a 20)? onde ficam povoações apropriadas para estações de muda? não ha duvida sobre a attitude da população em localidades maiores?

55. Para o reconhecimento de um caminho é preciso determinar:

a) especie, extensão, largura (geral e em lugares estreitos, pontes, povoações), natureza, declividades, direcção relativamente ao objectivo tactico; é possivel a columna dobrada de marcha?

b) desfiladeiros, córtes, aterrados, pontes, vãos, trechos em povoação ou matta; onde pôde ficar a artilharia na ordem de marcha? como fazel-a oportunamente avançar, sem entravar a marcha da infantaria?

c) numero de estradas duma zona, sua comparação, estradas paralelas? preferir sempre a marcha em uma só columna até, inclusive, na divisão; necessidade de flanco-guardas? em qual dos flancos melhor pôde avançar a cavallaria?

d) natureza do terreno adjacente á medida que se approxima do inimigo (praticabilidade, visibilidade, desenfriamento); pausas de marcha e altos, agua potavel em povoações? durações e profundidades da marcha?

e) tratando-se de um corpo de exercito: praticabilidade do terreno entre as divisões, ligação com os corpos convi-sinhos;

f) caminhos transversaes e linhas topographicas?

g) como melhor avançará um automovel de pessoas de um alto commando? onde mandar esperar os cavallos de montaria?

h) onde pontos apropriados á observação e á tomada de posição? centro collector de informações? onde as flammulas de commando?

3. Localidades

56. Pelo aspecto exterior do quadro da cidade distinguem-se *grandes cidades* (canalisação de esgotos e de agua, monumentos e obras de luxo, viação publica rapida, de tracção electrica ao nível das ruas, subterraneo ou em viaducto, linhas de automoveis, etc.), *cidades commerciaes* (grandes armazens, caes, estaleiros, portos, etc.), *cidades fabris e industriaes* (fabricas minas, viação urbana e agricola). Villas

campestres ou agricolas, arrabaldes com jardins, aldeias, etc. Nas proximidades das cidades ás vezes morada da população mais pobre que trabalha na cidade. Etc.

As localidades pôdem ser fortificadas (fortalezas, fortres, systemas de fortres com um governador da praça ou commandante.

(Continua)

ANNUARIO DA ESCOLA MILITAR

Recebemos, numa bem confeccionada brochura, o n.º 2 desta excellente publicação da Escola Militar, com 335 paginas de selecta collaboração. Abre o *Annuario* uma bella e merecida homenagem ao General Tiburcio, um dos vultos mais gloriosos do Exercito brasileiro. Segue-se outra homenagem, não menos merecida, á memoria do caracter integro que foi o ex-Tenente Coronel Manoel Peixoto Cursino do Amarante, convicto e sincero monarchista que, "numa idade quasi impossivel de recomeçar a vida, preferiu a perspectiva de um futuro incerto e ameaçador, a triste collisão de um suspeito aos olhos dos triumphadores, a ter de transigir com as suas velhas crenças". Ambas da lavra do Tenente Coronel J. Marques da Cunha.

Materia e energia. — Dr. Alfredo Nascimento.

Situação actual do problema do serviço militar obrigatorio no Brazil. — 1º Tenente Villanova Machado.

Magnifico estudo das diferentes faces deste problema de interesse vital para o Brazil. Como amostra do que é este trabalho transcrevemos aqui este trecho:

"Confundir o caracter nacional com os processos escusos de algumas centenas de homens sem moral e sem idéas, procurando culminar em varias actividades pelo descaso ou condescendencia de todos, fluctuando na agitação da luta pela vida até que descubram o movimento resultante para que participem de seu arrastamento, é bem um grande insulto atirado ás faces de vinte e cinco milhões de brasileiros."

E ainda este outro, pulverizando os famigerados argumentos de *inconstitucionalidade*:

"Se o brasileiro, em sua generalidade, convencer-se de que tem patria, não sentindo-a sómente pelas formas exteriores, senão intimamente compenetrado, e cogitar da defesa de seu paiz, que é no fundo a defesa de seus proprios interesses e de seu lar, toda lei jurídica que impedir a força pela união dos homens validos, organizados militarmente no mar e em terra, será velharia."

Geometria analytica. — 1º Tenente J. Pio Borges de Castro.

Sobre a theoria geometrica das sombras usuaes. — 1º Tenente Sinesio Faria.

O problema da polvora de guerra e sua solução actual. — Major S. B. Uchôa Cavalcanti.

Estudo sobre este importante problema que, em que pese aos responsaveis, ainda não está resolvido no Brazil. Apezar de gastos enormes ainda importamos matéria prima e até mesmo algodão apropriado. O articulista, que começa assim: "A guerra, com seus horrores, nasceu com o homem e com elle morrerá...". termina estudando as polvoras de bases simples e dupla e lamentando não termos ainda unidade de polvoras no Exercito e na Armada.

Artilharia. — Capitão Parga Rodrigues.

Influencia dos terrenos ondulados sobre as obras de fortificação passageira. — 1º Tenente Antonio Azevedo.

Depois de um meticulooso estudo theorico sobre o assumpto, o autor assim termina: "O golpe de vista, a intelligencia, a imaginação, a capacidade technica e o senso pratico dos officiaes de engenharia — ou mesmo de outras armas, a quem se affectem taes serviços — procurando o possivel equilibrio entre a *theoria que aconselha e a pratica que obriga*, adaptal-os-ão ás imposições iniludiveis dos casos objectivos."

Estações radiotelegraphicas de Campanha.

1º Tenente F. Mello Moreira.

Graphostatica. — Capitão B. Vieira Lima.

Geodesia. — Tenente-Coronel Marques da Cunha.

Levantamento de memoria do itinerario Realeengo-Gericinó. — 2º Tenente Cordolino de Azevedo.

Acompanha o *Annuario* um "croquis" desse levantamento, seguido de uma memoria descriptiva, feita pelo alumno Pello Ramalho. E' com grande desvanecimento que vemos na Escola Militar de hoje cogitar-se de trabalhos como este, de tão grande importancia na guerra. Como ainda, infelizmente, entre nós só trabalha quem quer, não é demais que felicitemos o instructor de topographia por mais este lance.

Fecha o *Annuario* o **Plano de Ensino** da Escola Militar.

O texto está entremeado de boas gravuras.

Que esta util publicação, que já venceu o 2º anno, tenha uma vida longa e productiva, e que se torne cada vez mais militar — são os sinceros votos da *A Defeza Nacional*.

Guia para o Ensino da Tactica

Já iniciámos a distribuição desta obra magistral pelos nossos assignantes, ao modico preço de 3\$500. (4\$000 sendo a remessa pelo Correio).

Com o preço especial para os assignantes, que, segundo os nossos Estatutos, são nossos consocios, visamos beneficiar aquelles que tem concorrido, com o seu apoio pecuniario e moral, para o desempenho da sublime tarefa que tomamos sobre os hombros. A'quelles que ainda não nos honraram com o seu auxilio, por indifferença, ou por oposição, não podemos prestar esse beneficio, sendo logico que devam pagar a obra pelo seu justo valor.

Aos assignantes de fóra desta Capital, que só pôdem receber o livro pelo Correio, rogamos fazerem acompanhar seus pedidos da importancia respectiva, pois do contrario teríamos de empregar um grande capital em porte e registro, o que nos é impossivel fazer, em virtude de não termos capital armazenado, pois *A Defeza Nacional absolutamente não aufera lucro pecuniario*.

Tratando-se de uma obra primorosa e indispensavel a todos os officiaes do Exercito, e sendo enorme a procura que está tendo, além de pequena a edição, só podemos attender aos assignantes que dentro do prazo de dois meses fizermos os seus pedidos. Cada assignante só tem direito a um exemplar pelo preço especial que fizemos e que representa a metade do custo material do livro. A partir deste prazo, os assignantes passarão a pagar valor equivalente ao custo.

Os não assignantes encontrarão, desde já, o "Guia" à venda na Livraria Alves, à rua do Ouvidor, ou na Papelaria Macedo, à rua da Quitanda n. 74, a 10\$000 o exemplar.

EXAMES DE BATERIA NO Iº R. A.

No logar do costume e com assistencia feita do pavilhão do Campo de Obstaculos, situação desvantajosa pela impossibilidade de serem acompanhadas a preparação e a technica de tiro das baterias, bem como o desenvolvimento dos themas, realizaram-se os exames de bateria no 1º R. A.

A falta de pessoal e de cavallos, máu grado os esforços da administração, tem prejudicado imensamente a instrução naquelle unidade, mas seria vantajoso, assim mesmo, que tivesse havido realmente exame, acompanhado da critica que o regulamento taxativamente determina.

No tocante ao desconcerto, sobresahio um progresso, até certo ponto curioso, na technica de tiro, com a introdução desta nova especie de fogo:

— *Tiro de barragem!*

A fazer-se para a bateria, em forma de comando, essa designação do effeito desejado, amanhã, quando tivermos de atirar contra uma caixa d'água, para esvazial-a, ou contra um coqueiro que possa servir de observatorio ao inimigo, para derrubal-o, (*) teremos que commandar:

— *Tiro de esvaziar caixa d'água!*

— *Tiro de derubar coqueiro!*

O R. T. A. 1914 ficou boquiaberto!

(*) O dominio é das hypotheses.

PUBLICAÇÕES DO MINISTERIO DA GUERRA

A VENDA NO DEPARTAMENTO CENTRAL

(Aviso n. 1 de 11 de Janeiro de 1916)

Preço Porte e registro

Cartilha do soldado montado, pelo 1º tenente veterinario Paulo Raymundo da Silva, 1916.	\$1000	\$260
Memoria sobre os phenomenos vulcanicos no Brazil, pelo engenheiro militar Alipio Gama, 1910.	\$1000	\$380
Orientação em campanha, pelo 2º tenente Dermeval Peixoto, 1915.	\$500	\$260

Para a acquisição destas publicações, os interessados nesta Capital deverão se dirigir à 3ª Divisão do Departamento Central, ao Capitão intendente; os de fóra desta Capital deverão endereçar os pedidos ao Chefe do Departamento, acompanhados da importancia da publicação e de seu porte e registro.

Capitão Intendente *Antonio Monteiro Meirelles*.

EXPEDIENTE

De ora em diante as assignaturas começarão em qualquer época, mas terminarão sempre em março ou setembro, ficando assim os semestres e annos de assignatura coincidindo com os semestres e annos de vida da revista.

*

Os extravios causados por falta de comunicação opportuna das mudanças de endereço correm por conta do assignante.